

O DARDO DE
KUSHIEL
JAQUELINE CAREY

Tradução de Teresa Martins de Carvalho





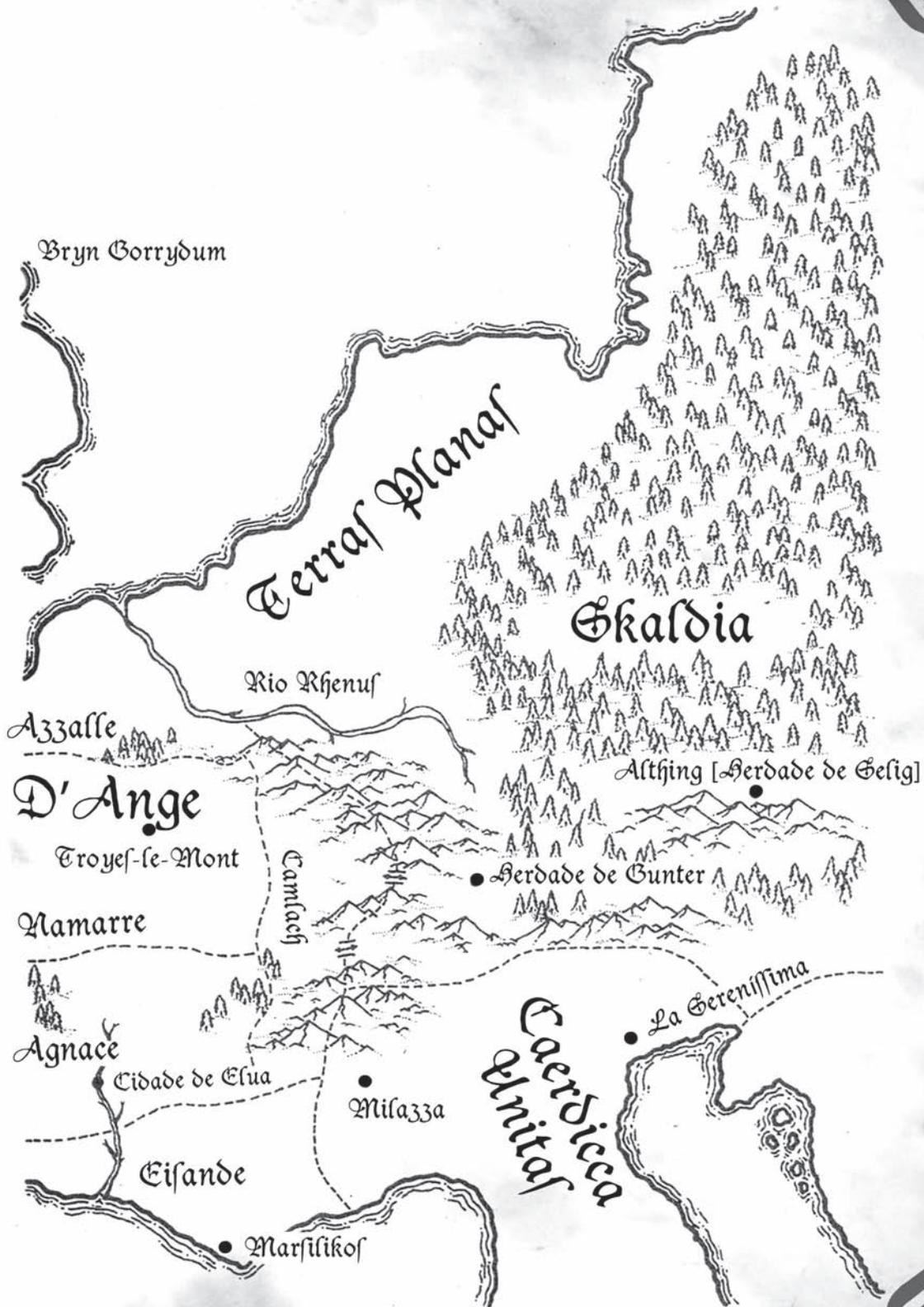
AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus pais, Marty e Rob, por toda uma vida de amor e encorajamento, e a Julie, cuja fé jamais vacilou. À minha tia-avó Harriett, um muito especial *mahalo* pelo seu apoio inabalável.



Erês Ìrmäs





Bryn Gorrydum

Terras Planas

Skaldia

Rio Rhenus

Azzalle

D'Ange

Troyes-le-Mont

Namarre

Agnacé

Cidade de Elua

Eisande

Marfilikof

Camfash

Milazza

Herdade de Gunter

Althing [Herdade de Selig]

Caerdica
Elmitas

La Serenissima



DRAMATIS PERSONAE

CASA DE DELAUNAY

Anafiel Delaunay — fidalgo
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay
Phèdre nó Delaunay — pupila de Delaunay; *anguissette*
Guy — homem de Delaunay
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: TERRE D'ANGE

Ganelon de la Courcel — Rei de Terre d'Ange
Genevieve de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange (*falecida*)
Isabel L'Envers de la Courcel — esposa de Rolande; Princesa
Consorte (*falecida*)
Rolande de la Courcel — filho de Ganelon e Genevieve; Del-
fim (*falecido*)
Ysandre de la Courcel — filha de Rolande e Isabel; Delfina
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe
de Sangue
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; Princesa
de Sangue
Lyonette de Trevalion — irmã de Ganelon; Princesa de San-
gue; Leoa de Azzalle
Marc de Trevalion — Duc de Trevalion (Azzalle)

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: LA SERENÍSSIMA

Benedicte de la Courcel — irmão de Ganelon; Príncipe de
Sangue

Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte
Dominic Stregazza — marido de Thérèse; primo do Doge de
La Sereníssima
Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e
Maria; Princesa de Sangue; casada com o filho do Doge de La
Sereníssima
Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria;
Princesa de Sangue

FIDALGVIA D' AἰΓELIἼE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Ca-
mlach)
Maslin d'Aiglemort — Duc d'Aiglemort (Camlach)
Marquise Solaine Belfours — fidalga; secretária do Selo Pri-
vado
Rogier Clavel — fidalgo; membro do séquito de L'Envers
Childric d'Essoms — fidalgo; membro do Tribunal da Chan-
celaria
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*faleci-
do*); antiga adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin
Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)
Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)
Sua Senhoria Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline
Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)
Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)
(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros
da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)
Ghislain de Somerville — filho de Percy
Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Prín-
cipe de Sangue; Comendador Real
Tibault de Toluard — Comte de Toluard (Siovale)
Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle) primo de
Marc
Luc e Mahieu Verreuil — filhos de Millard; irmãos de Joscelin
Millard Verreuil — Chevalier Verreuil; pai de Joscelin (Sio-
vale)

CORTE DA NOITE

Liliane de Souverain — adepta da Casa Jasmim; mãe de Phèdre
Miriam Bouscevre — Cortesã-Mor da Casa Cereus
Juliette, Ellyn, Etienne, Calantia, Jacinthe, Donatien — aprendizes da Casa Cereus
Irmão Louvel — sacerdote de Elua
Jareth Moran — Segundo da Casa Cereus
Suriah — adepta da Casa Cereus
Didier Vascon — Segundo da Casa Valeriana

SKALDIA

Ailsa — mulher da herdade de Gunter
Gunter Arnlaugson — chefe de herdade
Evrard o Língua Afiada — cavaleiro da herdade de Gunter
Gerde — mulher da herdade de Gunter
Harald o Imberbe — cavaleiro da herdade de Gunter
Hedwig — mulher da herdade de Gunter
Kolbjorn dos Manni — um dos grandes guerreiros de Selig
Knud — cavaleiro da herdade de Gunter
Lodur o Zanolho — sacerdote de Odin
Waldemar Selig — chefe de herdade; comandante de guerra
Trygve — membro dos Confrades Brancos
Confrades Brancos — cavaleiros de Selig

TSINGANI

Abhirati — avó de Anasztaizia
Anasztaizia — mãe de Hyacinthe
Csavin — sobrinho de Manoj
Gisella — esposa de Neci
Hyacinthe — amigo de Phèdre; “Príncipe dos Viajantes”
Manoj — pai de Anasztaizia; Rei dos Tsingani
Neci — cabecilha de uma *kumpania*

ALBA E EIRE

Breidaia — filha mais velha de Necthana
Brennan — filho de Grainne
Cruarch de Alba — Rei dos Picti
Drustan mab Necthana — filho de Necthana; Príncipe dos Picti
Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada
Foclaidha — esposa do Cruarch
Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada
Maelcon — filho do Cruarch e de Foclaidha
Moiread — filha mais nova de Necthana
Necthana — irmã do Cruarch
Sibeal — filha do meio de Necthana

TRÊS IRMÃS

Gildas — servo do Senhor do Estreito
Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange
Tilian — servo do Senhor do Estreito

OUTROS

Vitale Bouvarre — mercador; aliado dos Stregazza
Pierre Cantrel — mercador; pai de Phèdre
Camilo — aprendiz de Gonzago de Escabares
Danele — esposa de Taavi; tintureira
Emile — membro da equipagem de Hyacinthe
Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; antigo professor de Delaunay
Fortun — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Gavin Friote — senescal de Perrinwolde
Heloise Friote — esposa de Gavin
Purnell Friote — filho de Gavin
Richeline Friote — esposa de Purnell
Aelric Leithe — marinheiro

Jean Marchand — imediato de Rousse
Thelesis de Mornay — Poeta do Rei
Mierette nó Orchis — antiga adepta da Casa Orchis
Remy — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Quintilius Rousse — Almirante Real
Taavi — tecelão yeshuíta
(Maia e Rena — filhas de Taavi e Danele)
Mestre Robert Tielhard — marquista
Ti-Philippe — marinheiro; um dos Rapazes de Phèdre
Lelahiah Valais — cirurgiã (Eisande)
Japheth nó Rosa Amarela-Vardennes — dramaturgo
Seth ben Yavin — erudito yeshuíta



UM



Não vá alguém julgar que eu sou uma filha de cuco, gerada à socapa por camponeses luxuriosos e vendida a troco de um contrato em época de escassez, devo dizer que nasci numa Casa e fui criada na própria Corte da Noite, por todo o bem que me fez.

É-me difícil guardar ressentimento de meus pais, embora lhes inveje a ingenuidade. Ninguém lhes disse sequer, quando nasci, que me dotaram de um nome malfadado. Phèdre, assim me chamaram, nenhum deles sabendo que se trata de um nome helleno, e amaldiçoado.

Quando eu nasci, ousou dizer que eles ainda tinham motivos de esperança. Os meus olhos, mal abertos, eram ainda de cor indeterminada, e a aparência de um bebé recém-nascido é uma coisa fluida, mudando de semana para semana. Madeixas louras podem dar lugar a caracóis de azeviche, a palidez de nascença adoptar uma riqueza de âmbar, e por aí fora. Mas uma vez completada a série de mudanças no meu mar amniótico, a coisa era evidente.

Eu era defeituosa.

Não, é claro, que me faltasse beleza, mesmo em bebé. Sou uma d'Angeline, afinal de contas, e desde que o Abençoado Elua pisou o solo da nossa linda nação e lhe chamou casa, o mundo tem sabido o que significa ser D'Angeline. As minhas suaves feições eram um eco das de minha mãe, talhadas em perfeita miniatura. A minha pele, demasiado clara para o cânone da Casa Jasmim, era não obstante de um perfeitamente

aceitável tom de marfim. O meu cabelo, que cresceu numa encantadora profusão de caracóis, era da cor de uma zibelina na sombra, considerado um trunfo em algumas das Casas. Os meus membros eram direitos e maleáveis, os meus ossos uma maravilha de fortaleza delicada.

Não, o problema estava noutro lado.

Seguramente, estava nos meus olhos; e nem sequer nos dois, mas apenas num.

Uma coisa tão pequena para dela depender um tal destino. Nada mais que um cisco, uma pinta, uma mera mancha de cor. Houvesse sido outro qualquer matiz, porventura, teria sido uma outra história. Os meus olhos, quando se fixaram, eram daquela cor a que os poetas chamam bistre, uma profunda e lustrosa escuridão, como um lago na floresta à sombra de veneráveis carvalhos. Fora de Terre d'Ange, porventura, poder-lhe-iam chamar castanho, mas a linguagem falada fora dos limites da nossa nação é uma coisa desprezível quando se trata de descrever a beleza. Cor de bistre, então, rico e de um escuro líquido; salvo o olho esquerdo, onde, na íris orlando a pupila negra, luzia uma pinta colorida.

E luzia vermelha, e, deveras, vermelha é uma palavra pobre para a cor que luzia. Escarlata, chamemos-lhe, ou carmesim; mais vermelha do que as barbelas de um galo ou a maçã lustrosa na boca de um porco.

Assim entrei eu no mundo, com um nome malfadado e uma alfinetada de sangue marcada a fogo no meu olhar.

Minha mãe era Liliane de Souverain, uma adepta da Casa Jasmim, e a sua linhagem era ancestral ao serviço de Naamah. Meu pai era outra história, pois era o terceiro filho de um príncipe mercador e, ai!, o acúmen que elevara seu pai a um estatuto emérito na Cidade de Elua esgotou-se na semente que produziu os seus irmãos mais velhos. Pois todos nós três teríamos ficado mais bem servidos houvessem-no as suas paixões levado à porta de outra Casa; Briónia, porventura, cujos adeptos são instruídos na sagacidade financeira.

Mas Pierre Cantrel tinha cabeça fraca e paixões fortes, de modo que, quando a bolsa à sua cinta se enchia de moedas e a bolsa entre pernas rebentava de semente, era para a Casa Jasmim, indolente e sensual, que ele se aprestava a ir.

E ali, é claro, entre a maré vazante do seu siso e a maré enchente das suas entranhas, perdeu o coração na barganha.

De fora, pode não parecer, mas há intrincadas leis e normas governando a Corte das Flores da Noite, a que apenas os rústicos das províncias chamam simplesmente Corte da Noite. E assim deve ser, pois que

nós — estranho, que ainda assim fale — servimos não só a própria Naamah, como as grandes Casas do Parlamento, os descendentes de Elua e seus Companheiros, e, por vezes, mesmo a própria Casa Real. Deveras, com mais frequência do que a Realeza se digna admitir, temos servido os seus filhos e filhas.

Os de fora dizem que os adeptos são criados como gado, para produzir crianças que caiam no cânone da Casa. Assim não é; ou, pelo menos, não mais do que qualquer outro casamento arranjado, por razões políticas ou financeiras. Nós casamos pela estética, verdadeiramente; mas jamais ninguém, que eu me lembre, foi forçado a uma união que lhe repugnasse. Teria violado os preceitos do Abençoado Elua fazê-lo.

Ainda assim, é verdade que meus pais não foram uma boa combinação, e, quando meu pai pediu a mão de minha mãe, o Cortesão-Mor da Casa Jasmim foi levado a declinar. Nada de admirar, pois minha mãe saíra bem de acordo com o molde da sua Casa, de pele cor de mel e cabelo de ébano, com grandes olhos escuros quais pérolas negras. Meu pai, ai!, era de semblante mais pálido, com cabelo cor de linho e olhos de um azul sombrio. Quem poderia dizer o que produziria a mistura das suas sementes?

Eu, é claro; provando que o Cortesão-Mor estava certo. Jamais o neguei.

Dado que não podia tê-la por decreto da Corte da Noite, meu pai fugiu com minha mãe. Ela era livre de fazê-lo, tendo feito a sua marca com a idade de dezanove anos. Apoiados no tinir da bolsa dele e na graça de seu pai, e no dote que minha mãe havia feito com base na sua marca, fugiram.

Estou certa, embora nunca mais os haja visto para lhes perguntar desde os meus quatro anos de idade, de que ambos acreditavam que minha mãe daria à luz de acordo com a sua estirpe, uma criança perfeita, um tesouro da Casa, e de que o Cortesão-Mor me aceitaria de braços abertos. Seria criada e estimada, ensinada a amar o Abençoado Elua e servir a Naamah, e, uma vez feita a minha marca, a Casa pagaria um dízimo a meus pais. Isto estou eu certa de que eles acreditaram.

Sem dúvida era um sonho aprazível.

A Corte da Noite não é indevidamente cruel, e, aquando do parto de minha mãe, a Casa Jasmim acolheu-a de volta. Não haveria qualquer apoio dos seus cofres para o seu marido não sancionado, mas o casamento foi reconhecido e tolerado, tendo sido levado a cabo com o devido procedimento perante um sacerdote rural de Elua. No natural decurso das coisas, se a minha aparência e natureza em botão caíssem

no cânone da Casa, eu teria sido inteiramente criada lá. Se satisfizesse o cânone de qualquer outra Casa — como quase sucedeu —, o seu Cortesão-Mor pagaria uma fiança pela minha criação até aos dez anos, altura em que seria formalmente adoptada como filha de criação. De qualquer dos modos, fosse a escolha sua, minha mãe teria sido destinada à instrução de adeptos e agraciada com uma pensão a troco da minha marca. Sendo a bolsa de meu pai, embora ardente, não funda, este teria sido o curso por eles escolhido.

Ai de mim, quando se tornou evidente que o cisco escarlate no meu olho era uma marca permanente, o Cortesão-Mor impôs o seu limite. Eu era defeituosa. Entre todas as Treze Casas, nenhuma havia cujo cânone permitisse produto defeituoso assim. A Casa Jasmim não pagaria pelo meu sustento, e se minha mãe desejasse lá permanecer, teria de nos manter às duas ao seu serviço, não como instrutora.

Se pouco mais tinha, meu pai tinha as suas paixões, e o orgulho era uma delas. Tomara minha mãe como esposa, e o seu serviço era apenas para ele e não mais para ser deposto no altar de Naamah. Implorou à equipagem de seu pai uma caravana destinada a fazer comércio em Caerdicca Unitas, levando minha mãe e a minha pessoa, com a idade de dois anos, em busca de fortuna.

Não foi surpresa, julgo eu, que, após uma longa e árdua viagem na qual ele tratou tanto com mercenários como com salteadores — e pouca diferença havia entre ambos, desde a queda de Tiberium e perdida a segurança das estradas principais —, os negócios lhe corressem mal. Os Caerdicci já não governam um império, mas são comerciantes argutos.

E assim foi que o destino nos encontrou dois anos mais tarde, cansados de viajar e quase sem um cêntimo. Eu pouco me lembro disso, é claro. Do que mais me lembro é da estrada, dos seus odores e cores, e de um membro dos mercenários que chamou a si guardar a minha pequena pessoa. Era um membro de uma tribo da Skaldia, um setentrional, maior do que um touro e mais feio que o pecado. Eu gostava de lhe puxar os bigodes, que lhe pendiam de cada lado da boca; fazia-o sorrir, e eu ria-me. Fez-me saber, na língua d'oc e com gestos eloquentes, que tinha uma esposa e uma filha da minha idade, de quem sentia a falta. Quando os mercenários e a caravana se separaram, senti a sua falta, e durante muitos meses depois disso.

De meus pais, recordo somente serem muito unidos e estarem muito apaixonados, com pouco tempo ou atenção para mim. Na estrada, meu pai não tinha mãos a medir, protegendo a virtude da sua noiva. Uma vez sabido que minha mãe tinha a marca de Naamah, as ofertas

vinham diariamente, algumas feitas na ponta de uma lâmina. Mas ele protegia a virtude dela, de todos além dele. Quando retornámos à Cidade, o seu ventre começava a crescer.

Meu pai, indómito, teve a temeridade de implorar outra oportunidade a seu pai, clamando haver sido a viagem demasiado longa, a caravana mal equipada, e ele próprio ingénuo nas lides do comércio. Desta vez, jurou, seria diferente. É desta vez meu avô, o príncipe mercador, impôs o seu limite. Outorgaria uma segunda oportunidade a meus pais, mas eles teriam de garantir o comércio com uma bolsa de moedas.

Que mais haviam eles de fazer? Nada, suponho. À parte os dotes de minha mãe, que meu pai não permitiria que ela vendesse, somente me possuíam a mim. Para ser justa, ter-se-iam consumido de horror à ideia de me venderem a troco de um contrato na praça pública. A isso teriam chegado, de qualquer modo, mas duvido de que qualquer um deles fosse capaz de encarar coisa tão extrema. Não, em vez disso minha mãe, a quem, apesar de tudo, devo dar graças, tomou coragem em ambas as mãos e implorou uma audiência com a Cortesã-Mor da Casa Cereus.

Das Treze Casas, a Cereus de Floração Nocturna é e sempre foi a Primeira. Foi fundada por Enediél Vintesoír há uns seis centos de anos, e daí se desenvolveu a Corte da Noite propriamente dita. Desde os tempos de Vintesoír, tem sido costume os Cortesãos-Mores da Casa Cereus representarem a Corte da Noite com um assento na Cidade Judiciária; diz-se, também, que muitas das Cortesãs-Mores dessa Casa têm tido o privilégio do ouvido do Rei.

Quiçá, será verdade; pelo que eu tenho aprendido, é certamente possível. No tempo do seu fundador, a Casa Cereus servia apenas Namamah e os descendentes de Elua. Desde então, o negócio prosperou, e, com o vicejar da Corte, passou a ter uma clientela assinalavelmente mais burguesa: nomeadamente, meu pai. Mas, fosse como fosse, a Cortesã-Mor da Casa Cereus permaneceu uma figura de monta.

Como toda a gente sabe, a beleza é por de mais pungente quando a mão fria da Morte jaz a postos na iminência de fazê-la murchar. Sobre uma tão frágil efemeridade foi fundada a fama da Casa Cereus. Ainda era visível, na Cortesã-Mor, o eco fantasmagórico da beleza que desabrochava no seu auge, tal como uma flor esmagada retém a sua forma, frágil e quebradiça, desaparecida a sua essência. No decurso geral das coisas, passada a beleza, a flor verga a sua corola sobre o caule e murcha. Por vezes, contudo, caídas as pétalas, uma estrutura de aço temperado revela-se no seu interior.

Assim era Miriam Bouscevre, a Cortesã-Mor da Casa Cereus. Fina e delicada como pergaminho era a sua pele, e o cabelo branco da idade, mas os olhos, ah! Sentava-se imóvel na sua cadeira, direita como uma rapariga de dezassete anos, e os seus olhos eram como verrumas, da cor cinza do aço.

Recordo-me de estar em pé no pátio sobre as lajes de mármore, agarrada à mão de minha mãe enquanto ela procedia tartamudeando ao seu pleito. O advento do verdadeiro amor, a fuga, o decreto do seu próprio Cortesão-Mor, o fracasso da caravana e do comércio de meu avô. Recordo-me de como ela falou de meu pai ainda com amor e admiração, certa de que a próxima bolsa, a próxima temporada, fariam a sua fortuna. Recordo-me de como ela citou, com voz audaz e trémula, os seus anos de serviço, a exortação do Abençoado Elua: *Ama à tua vontade*. E recordo-me, por fim, de como a fonte da sua voz secou, e a Cortesã-Mor moveu uma mão. Não erguida, não tanto; um par de dedos, porventura, carregados de anéis.

— Trazei aqui a criança.

De modo que nos acercámos da sua cadeira, a minha mãe tremendo e eu destemida, como soam ser as crianças na menos apropriada das alturas. A Cortesã-Mor levantou-me o queixo com um dedo carregado de anéis e mirou-me atentamente as feições.

Ter-lhe-á um vislumbre de alguma coisa, alguma incerteza, atravessado o semblante quando o seu olhar incidiu no cisco escarlate do meu olho esquerdo? Ainda agora, não estou certa; e, se assim foi, passou brevemente. Ela retirou a mão e desviou o olhar de novo para minha mãe, severo e sem se desviar.

— Jehan falou verdade — disse. — A criança não é apropriada para servir as Treze Casas. Contudo é graciosa, e, sendo criada na Corte, pode vir a ter um valor considerável. Em reconhecimento pelos vossos anos de serviço, faço-vos esta oferta.

A Cortesã-Mor nomeou um número, e eu senti um frémito de empolgação deixar minha mãe a tremer a meu lado. Era um dos seus encantos, este tremer. — Abençoada senhora... — começou minha mãe.

Com uns olhos de falcão, a venerável Cortesã-Mor interrompeu-a com um gesto. — Os termos são estes — disse, numa voz destituída de remorsos. — Não direis a ninguém. Quando tomardes residência, será fora da Cidade. No que ao mundo diz respeito, a criança que dareis à luz dentro de quatro meses será a primeira. Não permitiremos que se diga que a Casa Cereus dá abrigo ao fruto indesejado de uma meretriz.

— Não é... — A voz de minha mãe tremia.

— É a minha oferta. — A venerável voz era impiedosa. *Ela vai vender-me a esta velha cruel*, pensei, e senti um frémito de terror. Já então, desconhecendo-o, conheci-o como tal. — Criaremos a criança como uma das nossas, até ter dez anos. Qualquer habilidade que ela tenha, fomentá-la-emos. O valor da sua marca inspirará respeito. Isso, vos ofereço, Liliane. Podeis oferecer-lhe o mesmo?

Minha mãe deixou-se ficar com a minha mão na dela e baixou o olhar para o meu rosto voltado para cima. É a minha última recordação dela, aqueles grandes, escuros, bruxuleantes olhos, buscando, buscando os meus, acabando por fim por deter-se sobre o esquerdo. Através das nossas mãos dadas, senti o estremecimento que ela reprimiu.

— Ficai com ela, então. — Soltando-me a mão, empurrou-me violentamente. Eu cambaleei para diante, tombando contra a cadeira da Cortesã-Mor. Ela mexeu-se apenas para puxar suavemente o cordão de seda de uma sineta. Um som semelhante a um carrilhão de prata soou à distância, e uma adepta deslizou recatadamente por detrás de um discreto biombo, tomando-me sem esforço, levando-me por uma mão. Voltei a cabeça uma última vez para um derradeiro olhar para minha mãe, mas ela tinha o rosto desviado, os ombros sacudidos por soluços silenciosos. O sol que se coava pelas janelas altas e projectava uma sombra esverdeada através das flores brilhava com matizes azuis no rio cor de ébano do seu cabelo.

— Vem — disse a adepta apaziguadoramente, e a sua voz era tão fresca e fluida como água corrente. Conduzida dali para fora, olhei para ela com confiança. Era uma filha da Casa Cereus, pálida e requintada. Eu entrara noutra mundo.

Será de admirar, então, que eu me tenha tornado no que tornei? Delaunay mantém que sempre foi o meu destino, e porventura terá razão, mas isto sei eu ser verdade: quando o Amor me desterrou, foi a Crueldade que se apiedou de mim.

Dois



Recordo-me do momento em que descobri a dor.

A vida na Casa Cereus depressa encarreirou no seu ritmo próprio, imutável e incessante. Éramos várias crianças mais novas; quatro mais, ao todo, e eu. Eu partilhava um dormitório com duas raparigas, ambas frágeis e de falas delicadas, com uns modos de fina porcelana. A mais velha, Juliette, tinha o cabelo a escurecer para um louro acobreado por volta do seu sétimo ano de vida, e foi decidido que a Casa Dália compraria a sua marca. Com a sua reserva e ar solene, era adequada ao seu serviço.

A mais nova, Ellyn, era indiscutivelmente para a Casa Cereus. Tinha um rosado e uma palidez delicados, a pele tão clara que as pálpebras revelavam um tom azulado sobre os seus olhos quando os fechava, os cílios derramando-se qual onda na sua face delicada.

Eu pouco tinha em comum com elas.

E com os demais, na verdade — com o bonito Etienne, meio-irmão de Ellyn, com os seus caracóis de querubim do mais pálido dourado, ou com Calantia, a despeito do seu riso alegre. Eles eram quantidades conhecidas, o seu valor determinado, o futuro assegurado, nascidos de uniões sancionadas e destinados, se não a esta Casa, então a outra.

Não, entendi, que eu fosse amarga. Os anos assim se escoaram, aprazíveis e sem provações, passados na companhia dos outros. Os adeptos eram gentis, e revezavam-se para nos ensinarem os rudimen-

tos do conhecimento; poesia, canto e música, como servirmos vinho e prepararmos uma câmara de dormir e servirmos à mesa como bonitos adornos. Isto era-me permitido fazer, desde que mantivesse os olhos sempre baixos.

Eu era o que era: o fruto indesejado de uma meretriz. Se isto soa duro, entendi igualmente o que eu aprendi na Casa Cereus: o Abençoado Elua amava-me não obstante isso. Afinal de contas, o que era ele senão o fruto indesejado de uma meretriz? Meus pais jamais se haviam dignado ensinar-me os fundamentos da fé, apanhados na rapsódia das suas devoções mortais. Na Casa Cereus, até mesmo as crianças tinham o benefício de uma instrução dada por um sacerdote.

Ele vinha todas as semanas, o Irmão Louvel, sentar-se de pernas cruzadas nos aposentos das crianças e partilhar connosco os ensinamentos de Elua. Eu adorava-o pois era belo, com longo cabelo louro que ele prendia numa trança sedosa e uns olhos da cor do oceano profundo. Com efeito, ele fora adepto da Casa Genciana até um patrono comprar a sua marca, libertando-o para seguir os seus sonhos místicos. Doutrinar crianças era um deles. Puxava-nos para o seu colo, uma ou duas de cada vez, e narrava-nos os velhos contos na sua voz sonhadora.

Assim foi que eu aprendi, embalada nos joelhos de um antigo adepto, como foi criado o Abençoado Elua; como, quando Yeshua ben Yosef jazia moribundo pregado na cruz, um soldado de Tiberium lhe perfurou o flanco com o aço cruel de uma ponta de lança. Como, quando Yeshua foi descido da cruz, as mulheres choraram lamentosas, e a Magdalena mais que todas, deixando que a torrente dourada-rubra do seu cabelo cobrisse a sua figura imóvel e nua. Como as amargas lágrimas salgadas da Magdalena caíram no solo ensanguentado e humedecido pelo sangue derramado do Messias.

E desta união a Terra lamentosa engendrou o seu mais precioso filho; o Abençoado Elua, o mais estimado dos anjos.

Eu escutava com o fascínio extasiado de uma criança à medida que o Irmão Louvel nos narrava o errar de Elua. Esconjurado pelos Yeshuítas como uma abominação, injuriado pelo império de Tiberium como descendente do seu inimigo, Elua errou pela terra, através de vastos desertos e terras desoladas. Escarnecido pelo Deus Um de cujo filho fora gerado, Elua trilhou com os pés nus o regaço da sua mãe Terra e errou cantando, e por onde ele passava, flores desabrochavam na sua peugada.

Foi capturado em Persis, e abanou a cabeça sorrindo quando o Rei o mandou acorrentar, e as trepadeiras cresceram para engrinaldar a sua cela. A narração do seu errar acabara por chegar aos ouvidos do Céu, e,

quando ele foi aprisionado, houve quem, na hierarquia angélica, acoresse. Escolhendo desprezar a vontade do Deus Um, chegaram à terra na antiga Persis.

Destes foi Naamah, a irmã mais velha, quem se dirigiu sorrindo ao Rei e se ofereceu com as pálpebras descaídas, a troco da liberdade de Elua. Enfeitiçado, o Rei de Persis aceitou, e ainda hoje se conta a história da Noite de Prazer do Rei. Quando a porta da cela de Elua se abriu, uma grande fragrância de flores dela emanou, e Elua emergiu cantando, coroado de ramos de videira.

É essa a razão, explicou o Irmão Louvel, por que reverenciamos Naamah e entramos ao seu serviço como um acto de fé sagrada. De seguida, disse ele, o Rei traiu Elua e os que o seguiam, e deu-lhes vinho forte com valeriana a beber. Enquanto dormiam, ordenou que fossem atirados para um barco sem velas e largados no mar; mas, quando acordou, Elua cantou e as criaturas das profundezas acorreram, guiando o barco pelo mar afora.

O barco deu à costa no Bodistão, e Naamah e os outros que haviam acorrido seguiram Elua, não sabendo nem cuidando se o Olho do Deus Um estava sobre eles, e aonde iam cantavam, e entreteciam nos seus cabelos as flores que brotavam no rasto de Elua. No Bodistão, vive um antigo povo, que recebeu voltar costas à sua multitude de deuses, que são ora caprichosos, ora compassivos. Contudo viram a luz nele e não permitiram que mal algum fosse feito ao Abençoado Elua, assim como não o seguiram, de modo que ele errou cantando, e as gentes faziam o sinal da paz e abriam-lhe passagem. Quando ele ficava com fome, Naamah deitava-se com estranhos no mercado a troco de dinheiro.

Dali, o curso de Elua desviou-se para norte, e ele errou longamente por terras inóspitas e pedregosas, e os anjos e as criaturas da terra olharam por ele, ou seguramente teria perecido. Estas histórias adorava eu, tais como a da Águia da Garganta de Tiroc, que a cada manhã sobrevoava as fragas e o gelo para descer sobre a cabeça do Abençoado Elua e deixar cair uma baga na sua boca.

Nas florestas sombrias das hinterlândias skáldicas, os corvos e os lobos eram seus amigos, mas as gentes tribais não quiseram saber dele, brandindo os seus terríveis machados e invocando os seus deuses, que têm gosto por sangue e ferro. Assim errou ele, e os flocos de neve assomavam a cabeça sobre os montes nevados por onde ele passava.

Por fim chegou a Terre d'Ange, ainda sem nome, uma terra rica e bela onde cresciam as azeitonas, as uvas e os melões, e a lavanda florescia em fragrantas nuvens. E aqui o povo deu-lhe as boas-vindas à

medida que atravessava os campos e respondeu-lhe cantando, de braços abertos.

E assim era Elua; e assim Terre d'Ange, terra do meu berço e da minha alma. Por três vintenas de anos, o Abençoado Elua e aqueles que o seguiam — Naamah, Anael, Azza, Shemhazai, Camael, Cassiel, Eisheth e Kushiel — aqui se deixaram ficar. E cada um deles seguiu o Preceito do Abençoado Elua salvo Cassiel, o preceito que minha mãe citara à Cortesã-Mor: *Ama à tua vontade*. E assim foi que Terre d'Ange se tornou no que é, e que o mundo conheceu a beleza dos D'Angelines, nascidos nas linhagens oriundas da semente do Abençoado Elua e daqueles que o seguiam. Somente Cassiel obedeceu firmemente ao mandamento do Deus Um e abjurou o amor mortal por amor ao divino; mas o seu coração enternecera-se por Elua, e permaneceu sempre a seu lado como um irmão.

Durante este tempo, disse o Irmão Louvel, a mente do Deus Um estava por demais apouquetada com a morte de seu filho, Yeshua ben Yosef, e o curso do seu povo eleito. O tempo das divindades não passa como o nosso, e três gerações podem viver e morrer no espaço que permeia um pensamento e outro. Quando os cânticos dos D'Angelines chegaram aos seus ouvidos, ele voltou o seu olho para Terre d'Ange, para Elua e aqueles que haviam fugido do Céu para segui-lo. O Deus Um enviou o seu comandante-chefe a buscá-los de volta e trazer Elua a postar-se diante do trono, mas Elua acolheu-o sorrindo e deu-lhe o beijo da paz, depondo-lhe grinaldas de flores ao pescoço e enchendo-lhe o copo com vinhos doces, e o chefe da hoste de Deus retornou envergonhado e de mãos vazias.

Deparou-se então ao Deus Um que a sua persuasão não fizera vergar Elua, em cujas veias corria o vinho tinto de sua mãe Terra, através do ventre que ela lhe dera e das lágrimas da Magdalena. E contudo por isso ele era mortal, e portanto sujeito à mortalidade. O Deus Um ponderou longamente, e enviou não o anjo da morte, mas o seu arqui-arauto a Elua e àqueles que o seguiam. “Permanecendo vós aqui e amando à vossa vontade, a vossa prole governará a terra”, disse o arauto do Deus Um. “E isso é coisa que não pode acontecer. Vinde agora em paz para a direita do vosso Deus e Senhor, e tudo será perdoado.”

O Irmão Louvel narrava bem os contos; tinha uma voz melodiosa, e sabia onde fazer pausas, deixando o ouvinte de fôlego suspenso. Como responderia Elua? Ficávamos febris por saber.

E isto ele nos narrou: o Abençoado Elua sorriu para o arqui-arauto, e voltou-se para o seu bondoso companheiro Cassiel, estendendo a mão

para a sua faca. Tomando-a, passou a ponta pela palma da sua mão, golpeando-a. Sangue brilhante jorrou da sua palma e caiu em gotas gordas sobre a terra, e anénomas brotaram. “O Céu de meu avô é destituído de sangue”, disse Elua ao arqui-arauto, “e eu não sou. Que ele me ofereça um lugar melhor, onde possamos amar e cantar e crescer como nos aprouver, onde os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos se possam a nós juntar, e eu irei.”

O arqui-arauto ficou-se em silêncio, aguardando a resposta do Deus Um. “Não há tal lugar”, respondeu ele.

E então, contou-nos o Irmão Louvel, uma coisa aconteceu como não acontecera em muitos anos e jamais desde então: a nossa mãe Terra falou ao seu outrora marido, o Deus Um, e disse, “Nós podemos criá-lo, tu e eu.”

E assim foi criada a verdadeira Terre d’Ange, aquela que jaz para além da percepção dos mortais, por cujo portal podemos entrar somente depois de passarmos pelo portal sombrio que conduz para fora deste mundo. E assim o Abençoado Elua e aqueles que o seguiam deixaram este plano, passando não pelo portal sombrio, mas directamente pelo de luz, para a terra maior que jaz no além. Mas foi esta terra que ele amou primeiro, e por isso lhe demos o nome daquela, e o reverenciamos e à sua memória, com orgulho e amor.

No dia em que acabou de nos narrar o Ciclo Eluine, o Irmão Louvel trouxe um presente; uma braçada de anémonas, um raminho para cada um, para ser preso aos bolsinhos das nossas vestes com um longo alfinete. Eram do vermelho profundo e rico que eu julgava ser presságio do verdadeiro amor, mas ele explicou que estas eram um símbolo de entendimento, do sangue mortal de Elua derramado pelo seu amor pela terra e pelo povo D’Angeline.

Aprouve-me errar pelos terrenos da Casa Cereus, imersa na lição diária. Nesse dia, segundo recorde, estava eu no meu sétimo ano de vida, e orgulhosa como qualquer adepto das anémonas presas nas minhas vestes.

Na antecâmara da Sala de Recepções, os adeptos convocados reuniam-se para se prepararem para serem apresentados e escolhidos pelos patronos. Eu gostava de ali passar pelo refinado ar de urgência, as subtis opressões que marcavam os adeptos que aguardavam enquanto se preparavam para disputar os favores dos patronos. Não que fosse permitida uma aberta competição; tal mostra de tão imprópria emoção teria sido mal vista. Mas lá estava, não obstante, e havia sempre histórias — uma garrafa de fragrância trocada por mijo de gato, fitas esfiapadas,

espartilhos rasgados, o salto de um chinelo ligeiramente cortado para fazer a dona manquejar. Eu jamais testemunhei tal coisa, mas o potencial redemoinhava sempre no ar.

Nesse dia, estava tudo calmo, e apenas dois adeptos aguardavam em silêncio, havendo já sido requestados em particular. Sustive a língua e sentei-me sossegada junto à pequena fonte ao canto, e tentei imaginar-me como um desses adeptos, aguardando com um espírito tranquilo deitarem-se com um patrono, mas um medonho excitação me tomou em vez disso à ideia de me dar a um estranho. Segundo o Irmão Louvel, Naamah estava imbuída de uma mística pureza de espírito quando se dirigiu ao Rei de Persis, e quando se deitava com estranhos no mercado.

Mas isso é o que dizem na Casa Genciana, e não na Casa Alyssum, onde dizem ter ela tremido para pôr de lado a sua modéstia, nem na Melissa, onde dizem ter ela ido com compaixão. Eu sei, pois ouvia as conversas dos adeptos. Na Briónia, dizem que ela fez uma boa barganha, e, na Camélia, que a sua perfeição desvelada o deixou cego por uma quinzena, o que o levou a traí-la por medo falho de entendimento. A Dália clama que ela se entregou como uma rainha, enquanto a Heliotrópio diz que ela se comprouve no amor como que ao Sol, que tanto brilha em estrumeiras como em alcovas reais. A Casa Jasmim, da qual eu teria sido herdeira, sustenta que ela o fez por prazer, e a Orchis, por folia. A Rosa-Amarela mantém que ela encantou com a doçura do seu canto. O que clama a Valeriana, não sei, pois das duas Casas que servem gostos com uma aresta mais aguçada, ouvíamos falar menos; mas ouvi certa vez que a Mandrágora sustenta que Naamah elegia os seus patronos como vítimas e lhes infligia prazeres violentos, deixando-os saciados e meio-mortos.

Estas coisas ouvi eu, pois os adeptos costumavam deitar-se a adivinhar entre eles, quando julgavam eu não estar à escuta, a que Casa seria eu destinada não fora o meu defeito. Conquanto tivesse muitas variações de humor à vez, como qualquer criança pode ter, eu não era modesta bastante, nem dada a folguedos nem excelsa nem arguta nem ardente nem coisa alguma mais que me marcasse como pertencendo por direito a uma Casa, e não tinha, ao que parece, grandes dotes no que tocava à poesia e ao canto. Assim se interrogavam eles, ociosamente; a partir desse dia, julgo eu, deixou de haver dúvidas.

O raminho de anémons com que o Irmão Louvel me havia presenteado estava a desfazer-se, e eu tirei o alfinete para fixá-lo. Era um alfinete longo e afiado, extraordinariamente brilhante, com uma cabeça

redonda de madrepérola. Sentei-me junto à fonte a admirá-lo, esquecidas as anêmonas. Pensei no Irmão Louvel e na sua beleza, e em como me daria a ele quando fosse já uma mulher. Pensei no Abençoado Elua e no seu longo errar, na sua admirável resposta ao arqui-arauto do Deus Um. O sangue que ele derramou poderia — quem sabe? — correr nas minhas próprias veias, pensei; e resolvi ver. Voltei a mão esquerda com a palma virada para cima e agarrei firmemente no alfinete com a direita, espetando-o na carne.

A ponta enterrou-se com uma suavidade admirável. Por um segundo pareceu quase não se notar; e então a dor desabrochou, como uma anémona, a partir do ponto que eu espetara na palma da mão. A minha mão cantou de agonia, e os meus nervos vibraram com ela. Era um sentimento desconhecido, ao mesmo tempo mau e bom, terrivelmente bom, como quando eu pensava em Naamah deitando-se com estranhos, só que melhor; *mais*. Retirei o alfinete e olhei com fascínio à medida que o meu próprio sangue vermelho enchia o pequeno talho, uma pérola escarlata na minha palma condizendo com o cisco no meu olho.

Não sabia, então, que um dos adeptos vira e sustivera o fôlego, enviando imediatamente um serviçal à Cortesã-Mor. Fascinada pela dor e pela ínfima gota do meu sangue, por nada dei até a sua sombra se abater sobre mim.

— Então — disse ela, e apertou a sua velha garra em torno do meu pulso, puxando-me com força a mão para cima para me examinar a palma. O alfinete caiu-me dos dedos e o coração bateu-me de excitação aterrorizado. O seu olhar de verruma perfurou o meu e aí viu o prazer tomado de pânico. — Para ti teria sido então a Casa Valeriana, não era? — Havia uma satisfação sombria na sua voz; um enigma resolvido. — Mandai um mensageiro ao Cortesão-Mor, dizei-lhe que temos cá alguém digno de ser instruído a conformar-se à dor. — O olhar cinza-ão percorreu-me o rosto uma vez mais, veio pousar no meu olho esquerdo, e deteve-se. — Não, espera. — Algo tremeluziu outra vez no seu semblante; uma incerteza, algo vagamente recordado. Deixou-me cair o pulso e afastou-se. — Mandai chamar Anafiel Delaunay. Dizei-lhe que temos algo digno de ser visto.

TRÊS



Por que motivo fugi eu, no dia anterior ao meu determinado encontro com Anafiel Delaunay, em tempos potentado da corte — da verdadeira — e potencial comprador da minha marca?

Na verdade, não sei, a não ser que sempre houve em mim um instinto de buscar o perigo; pela coisa em si, pelo arrepio que me provocava ou pela possível repercussão — quem poderá dizer? Eu era unha com carne com uma das criadas da copa, e ela havia-me mostrado a pereira no jardim atrás das cozinhas, como crescia ao longo do muro e como se podia a ela trepar e saltar lá para fora.

Eu sabia que estava decidido, pois a Cortesã-Mor dissera-me um dia antes de modo que estivesse precavida dos preparativos que aí viriam. Verdadeiramente, murmuravam os adeptos, eu seria preparada como que para um príncipe; lavada, penteada e adornada.

Ninguém me diria, é claro, quem era Anafiel Delaunay, nem porque deveria estar grata que ele viesse ver-me. Com efeito, se algum deles sabia toda a verdade, muito me espantaria sabê-lo agora. Mas o seu nome era falado com um certo secretismo pela Cortesã-Mor da Casa Cereus, e não havia adepto que não visse nisso algum indício.

Assim, entre o assombro e o medo, escapuli-me.

Com as saias enroladas à volta da cintura, a pereira era relativamente fácil de contornar, e saltei incólume a extremidade mais distante do muro. A Casa Cereus está empoleirada no topo de um morro so-

branceiro à Cidade de Elua. O muro empresta a sua discrição, e nada há salvo o perfume dos seus jardins que a distinga das outras propriedades que se estendem abaixo dela, morro abaixo até ao centro. Está, como estão as outras, assinalada com uma discreta insígnia sobre o portão que admite os patronos para o seu domínio. Durante três anos, estivera dentro daqueles muros; agora, lá fora, olhei boquiaberta a taça da cidade abrindo-se diante de mim, rodeada de suaves morros. Acolá, o rio fendia-a qual espada de folha larga. Acolá, seguramente, ficava o Palácio, cintilando ao Sol.

Um coche passou veloz. Tinha as cortinas corridas, mas o cocheiro lançou-me um olhar de relance, inquiridor. Certamente, se não me mexesse, alguém pararia; eu dava assaz nas vistas, uma pequena rapariguinha com um vestido de damasco, com os meus caracóis escuros presos por fitas. E se o próximo cocheiro parasse, certamente alguém lá dentro escutaria, e num instante os guardas da Cortesã-Mor sairiam para me conduzir gentilmente para dentro.

Elua nascera indesejado da Magdalena, e que fizera ele? Errara, errara pela terra; pois então, resolvi eu, seguiria os seus passos. Parti morro abaixo.

Quanto mais me acercava da Cidade, mais longe ela me parecia. As ruas largas e graciosas, bordejadas de árvores e solares resguardados por portões, davam lentamente lugar a ruas mais estreitas e sinuosas. Estas estavam pejadas de toda a espécie de pessoas, mais pobres do que eu estava acostumada a ver. Não sabia, então, que abaixo de Mont Nuit, onde ficavam situadas as Treze Casas, havia uma espécie menor de entretenimento; cafés frequentados por poetas e gente da alta-roda de má reputação, bordéis sem distinção, antros de artistas, duvidosos boticários e adivinhos. Os fidalgos gostavam, soube mais tarde, de se aventurar na Corte da Noite.

Era de manhã, embora tardia. Mantive-me à margem da rua, subjugada pelo ruído e pela azáfama. Por cima de mim, uma mulher debruçou-se sobre um parapeito e despejou uma bacia de água para a rua. A água tombou a meus pés e dei um pulo para trás, vendo-a correr morro abaixo, formando pequenos arroios entre as pedras da calçada. Um gentil-homem saindo a correr de um estabelecimento indefinido quase tropeçou em mim e Praguejou.

— Vê por onde andas, criança! — A sua voz era brusca. Apressou-se rua abaixo, os seus escarpins marcando um ritmo nas pedras. Reparei que tinha as bragas amarrotadas e torcidas, como se as houvesse vestido à pressa, e o capuz da casaca do avesso. Não havia patrono que não sa-

ísse da Casa Cereus calmo e composto, depois de desfrutar de um copo de vinho ou cordial; mas certo é que não havia patrono da Casa Cereus que ali se apresentasse para passar o tempo vestido de fustão.

Passada a esquina seguinte, abria-se uma pequena praça, agradável-mente sombreada de árvores, com uma fonte no centro; era dia de mercado, e abundava um clamor de vendedores. Eu escapara sem provisões, e à vista e odor de comida, o estômago recordou-mo. Parei na banca da vendedora de doces, cismando sobre os confeitos e o maçã-pão; sem pensar, peguei num doce de massa de amêndoa.

— Vossemecê tocou, agora tem de comprar! — A voz da velha soou-me áspera ao ouvido. Assustada, deixei cair o doce e ergui os olhos para ela.

Por um segundo ela lançou-me um olhar iracundo, de rosto corado, a robusta beleza rústica dos seus ossos oculta sob o sebo que o remexer da sua mercadoria lhe provocara. Retribuí-lhe o olhar, tremendo; e por baixo da sua pesada austeridade vi um coração não destituído de compaixão, e senti-me menos temerosa.

E então ela viu-me os olhos, e o seu rosto alterou-se.

— Filha do demo! — O seu braço ergueu-se qual cacete de pão e um dedo gordo apontou para mim. — Vede bem esta criança!

Ninguém me dissera que a zona abaixo de Mont Nuit era por de mais supersticiosa. Os vendedores começaram a voltar-se, estendendo as mãos para me apanhar. Acometida de terror, desatei a fugir. Infelizmente, o primeiro obstáculo no meu caminho era uma banca de pêssegos, que prontamente derrubei. Tropeçando na mercadoria do vendedor, esparramei-me a todo o comprimento sob os toldos do mercado. Algo se esmagou desagradavelmente sob o meu cotovelo esquerdo, e o odor de pêssegos tocados rodeou-me como um miasma. Ouvi o vendedor rosar de raiva ao mesmo tempo que se precipitava em torno da banca virada atrás de mim.

— Psst! — De debaixo de outra banca espreitou um pequeno rosto trigueiro; um rapaz, mais ou menos da minha idade. Abrindo-se num sorriso, os dentes brancos contra a pele, acenou com uma mão encardida.

Arrastei-me feita louca pelo chão coberto de frutos derramados, sentindo uma costura rebentar ao libertar-me com um puxão da mão de alguém que me agarrava pelas costas do vestido. O meu jovem salvador não perdeu tempo, empurrando-me à sua frente, conduzindo-me num lesto rastejar por sob uma elaborada série de bancas. O excitação correu-me nas veias, e quando irrompemos do mercado para

fora e nos pusemos em pé, desatando numa correria adiante dos gritos, julguei que o coração me fosse rebentar.

Uns quantos dos homens mais novos perseguiram-nos sem grande entusiasmo, desistindo assim que nos escapámos por entre o labirinto de ruas. Não deixámos de correr mesmo assim, só parando depois de o meu salvador o julgar seguro, enfiando-nos por uma porta dentro e espreitando cautelosamente para trás de nós.

— Estamos safos — declarou ele com satisfação. — Eles são demasiado preguiçosos para correrem mais que um quarteirão, seja como for, a não ser que surripiem alguma coisa de monta, como um presunto. — Voltou-se para olhar para mim e assobiou entre dentes. — Tens uma mancha no olho, como sangue. Era por isso que a velha galinha estava a cacarejar feita tonta?

Após três anos na pálida e desmaiada Casa Cereus, ele era positivamente exótico a meus olhos. A sua pele era tão morena como a de um Bodistani, os olhos negros e folgazões, e o cabelo tombava-lhe até aos ombros em caracóis de azeviche. — Sim — disse eu, e porque o achei lindo, — De que Casa vens?

Ele pôs-se de cócoras. — Vivo na Rue Coupole, junto ao templo.

O apendre estava sujo, mas o meu vestido mais sujo estava. Recolhi-o atrás dos joelhos e sentei-me. — A minha mãe era da Casa Jasmim. Tu tens a cor deles, não tens?

Com uma mão, ele tocou as fitas entretecidas no meu cabelo. — São bonitas. Davam uns bons cobres, no mercado. — Arregalou os olhos, deixando ver o branco. — Tu és da Corte da Noite.

— Sim — disse eu, e depois, — Não. Tenho a mancha no olho. Eles querem vender-me.

— Oh. — Ele pensou naquilo por um momento. — Eu sou tsingani — disse ele então, com uma voz impante de orgulho. — Ou a minha mãe é, pelo menos. Ela lê sortes na praça, salvo nos dias de mercado, e toma roupa para lavar. O meu nome é Hyacinthe.

— Phèdre — disse-lhe eu.

— Onde vives?

Apontei morro acima, ou na direcção onde julgava ficar o morro; no labirinto de ruas, perdera o sentido de casa e da Cidade.

— Ah. — Ele susteve o fôlego, estalando a língua nos dentes. Cheirava, não desagradavelmente, a rapaz mal lavado. — Queres que eu te leve a casa? Eu conheço as ruas todas.

Nesse momento, ouvimos ambos o bater de cascos, lesto e decididos, destacando-se do ruído geral da Cidade. Hyacinthe fez menção de

fugir, mas eles já estavam em cima de nós, puxando as rédeas numa perfeita algazarra. Dois guardas da Cortesã-Mor, era o que era, com a libré da Casa Cereus, um profundo azul-crepúsculo com uma subtil flor de cereus dourada.

Fora apanhada.

— Ali está ela — disse um deles, apontando para mim, com uma nota de exaspero na voz grave. Tinha umas feições formosas e regulares; os membros da Guarda de Cereus eram escolhidos tanto pela aparência como pela destreza nas armas. — Aborreceste a Cortesã-Mor e puseste o mercado num alvoroço, rapariga. — Com uma mão enluvada, estendeu o braço e levantou-me no ar, agarrando-me pelo vestido na nuca. Fiquei suspensa, impotente. — Basta.

Com isso, sentou-me na sela diante dele e virou o cavalo, olhando de relance para o companheiro e espetando a cabeça na direcção de casa. Hyacinthe rastejou rua fora, perigosamente sob os cascos dos cavalos, e o outro guarda praguejou e agitou o chicote na sua direcção.

— Fora do caminho, tsinganinho imundo.

Hyacinthe evitou o chicote com uma destreza resultante de muita prática e correu uns passos atrás dos cavalos enquanto nos afastávamos. — Phèdre! — gritou. — Vem ver-me outra vez! Lembra-te, Rue Coupole!

Espetei o pescoço para olhar para lá do peito azul do guarda, tentando vislumbrá-lo uma última vez, pois estava triste por vê-lo ir-se. Durante uns poucos minutos, ele fora um amigo, e eu jamais tivera um.

Após o nosso retorno à Casa Cereus, achei-me completamente caída em desgraça. Foi-me negado o privilégio de servir na recepção da noite e mandaram-me para o dormitório sem ceia, embora Ellyn, que tinha bom coração, houvesse escondido um naco de brioche no guardanapo para mim.

De manhã, a adepta Suriah veio buscar-me. Alta e loura, fora ela que me dera a mão naquele primeiro dia na Casa Cereus, e fiquei com a ideia de que nutria um fraquinho por mim. Levou-me aos banhos e desfez-me a trança, ficando pacientemente sentada a vigiar enquanto eu chapinhava nas profundas piscinas de mármore.

— Suriah — disse eu, apresentando-me para inspecção —, quem é Anafiel Delaunay e porque é que ele me quererá?

— Tens o odor dos bordéis baratos no cabelo. — Virou-me gentilmente, esfregando-me a cabeça com um sabão de fragrância suave e doce. — Messire Delaunay é conhecido na corte real. — Os seus dedos

esguios esfregaram fazendo espuma, maravilhosamente apaziguadores no meu coiro cabeludo. — E é poeta. É tudo o que sei.

— Que espécie de poesia? — Obediente ao seu gesto, submergi, sacudindo a cabeça debaixo de água para dispersar o sabão. As mãos dela agarraram-me habilmente o cabelo quando me ergui, espremendo-me gentilmente o excesso de água dos cachos.

— Do tipo que faria uma adepta da Casa Rosa-Amarela corar.

Sorrio agora, ao recordar o meu ultraje. Delaunay riu alto quando eu lhe contei. — Ele escreve *poemas indecentes*? Queres dizer que estou a ser ataviada como um ganso de Carnaval para ser vendida a um qualquer porco escrevinhador com uma mão no pote de tinta e outra dentro dos calções?

— Psiu. — Suriah embrulhou-me numa toalha, esfregando-me a pele para enxugar. — Onde aprendes tu tal linguagem? Não, verdadeiramente, dizem que ele é um grande poeta, ou era. Mas ofendeu um fidalgo, porventura mesmo um membro da Casa Real, e agora já não escreve e os seus poemas estão banidos. Foi coisa que ele fez, Phèdre, e eu não conheço a história. Sussurra-se que em tempos foi amante de alguém muito poderoso, e que o seu nome ainda é conhecido na corte e que há quem o tema e isso basta. Portas-te bem?

— Sim. — Espreitei por sobre o ombro dela. O seu vestido era assaz decotado nas costas para que eu lhe visse a marca, intrincados padrões de gavinhas verdes e flores azul-nocturno trepando-lhe pela espinha acima, gravados na sua pele clara pela agulha do marquista. Estava quase acabada. Mais uma dádiva de patrono ou duas, e poderia completá-la. Com uma última flor a rematar na nuca, Suriah teria a sua marca feita. Depois disso, a sua dívida tanto para com Naamah como para com a Cortesã-Mor era considerada paga e era livre de deixar a Casa Cereus, se assim o quisesse, ou ficar e dar um dízimo dos seus ganhos à Casa. Tinha dezanove anos, a idade de minha mãe. — Suriah, o que é um tsingano?

— Um dos viajantes, os Tsingani. — Passando-me um pente pelos caracóis húmidos, fez uma carinha de desagrado, do tipo que não deixa marcas de fealdade. — Que tens tu que ver com eles?

— Nada. — Quedei-me em silêncio, submetendo-me aos seus cuidados. Se os guardas da Cortesã-Mor não haviam dito nada, também eu não o faria, pois guardar segredos dos adultos é bastas vezes o único poder que uma criança pode esperar deter.

Na devida altura, fui preparada e deixada a postos para ser apresentada a Delaunay. Como criança que era, é claro, não fui pintada, mas

a minha pele lavada foi suavemente empoeirada e o meu cabelo brilhante, acabado de lavar, adornado com fitas. O próprio Jareth Moran, o Segundo da Cortesã-Mor, veio buscar-me para a audiência. Assombrada, agarrei-me à sua mão e caminhei saltitante a seu lado. Ele sorriu lá do alto para mim, uma ou duas vezes.

Não nos encontramos no pátio, mas sim na sala de recepções da Cortesã-Mor, uma câmara interior graciosamente mobilada, concebida igualmente para confabulação e comodidade.

Havia uma almofada de ajoelhar diante das duas cadeiras. Jareth largou-me a mão quando entrámos, indo suavemente postar-se atrás da cadeira da Cortesã-Mor. Eu mal tive tempo para olhar de relance para os dois vultos antes de tomar a minha posição, ajoelhando *abeyante* diante deles. A Cortesã-Mor, conhecia eu; de Anafiel Delaunay, tive somente a impressão de uma figura alta e magra e de uns matizes ruivos antes de ajoelhar de cabeça inclinada e mãos entrelaçadas.

Por um longo momento, apenas houve silêncio. Sentei-me sobre os calcanhares, as mãos entrelaçadas diante de mim, ansiando da cabeça aos pés por olhar para cima e não me atrevendo a fazê-lo.

— É uma criança graciosa — ouvi por fim dizer numa voz enfadada; uma rica voz masculina de tenor, cultivada, mas com a falta de modulação que somente os fidalgos podem permitir-se evidenciar. Sei-o agora, pois Delaunay ensinou-me a escutar tais coisas. Nessa altura, pensei meramente que não lhe tinha agradado. — E o incidente que descrevestes é intrigante. Mas nada vejo sobremaneira intrigante, Miriam. Tenho entre mãos um pupilo já faz dois anos; não procuro outro.

— Phèdre.

A minha cabeça ergueu-se ao tom de comando na voz da velha Cortesã-Mor e olhei para ela de olhos arregalados. Ela olhava para Delaunay e sorria debilmente, de modo que transferi o olhar para ele.

Anafiel Delaunay estava sentado à vontade, languidamente reclinado, o cotovelo pousado sobre o braço da cadeira, contemplando-me com o queixo na mão. Tinha umas finíssimas feições de d'Angeline, alongadas e fluidas, com uns pestanudos olhos cinza salpicados de topázio. O seu cabelo era de um encantador matiz de gengibre, e envergava um gibão de veludo de um castanho profundo. O seu único adorno era um fino cordão de ouro marchetado. As mangas eram avermelhadas, um vislumbre de seda topázio reluzindo nos cortes do feitiço. Esticou preguiçosamente as pernas bem torneadas cobertas de castanho forte, o calcanhar de uma bota perfeitamente polida sobre a biqueira da outra.

E, enquanto me observava, o calcanhar da bota tombou no chão com um baque.

— Bagos de Elua! — soltou uma gargalhada que me assustou. Vi Jareth e a Cortesã-Mor trocarem um breve olhar de relance. Delaunay desdobrou-se da cadeira para fora num movimento suave e elegante, baixando-se sobre um joelho diante de mim. Tomou-me o rosto entre as mãos. — Sabes que marca carregas contigo, pequena Phèdre?

A sua voz tornara-se acariciadora e os polegares afagaram-me as faces, perigosamente próximos dos olhos. Estremeci-lhe entre as mãos qual coelho apanhado numa armadilha, anelando... anelando que ele fizesse alguma coisa, alguma coisa terrível, temerosa de que o fizesse, hirta de reprimi-lo.

— Não — soprei.

Ele arredou as mãos, tocando-me fugazmente a face num gesto tranquilizador, e pôs-se em pé. — O Dardo de Kushiel¹ — disse, e riu-se. — Tendes uma *anguissette* nas mãos, Miriam; uma verdadeira *anguissette*. Vede o modo como ela treme, ainda agora, apanhada entre o medo e o desejo.

— O Dardo de Kushiel. — Havia um eco de incerteza na voz de Jareth. A Cortesã-Mor manteve-se sentada, imóvel, com uma expressão arguta. Anafiel Delaunay dirigiu-se ao aparador e serviu-se sem ser convidado de um cálice de cordial.

— Deveríeis estar mais bem documentados — disse, divertido, falando depois num tom de voz mais profundo. — “Poderoso Kushiel, de vara e chicote/O último dos brônzeos portais/C’um dardo ensanguentado um insarável golpe/Marca nos olhos dos eleitos mortais.” — A sua voz retomou o tom coloquial. — Das notas marginais da versão de Leucenaux do Ciclo Eluine, é claro.

— É claro — murmurou a Cortesã-Mor, composta. — Muito obrigada, Anafiel. Jean-Baptiste Marais, da Casa Valeriana, ficará encantado por sabê-lo.

Delaunay ergueu um sobrolho. — Não digo que os adeptos da Casa Valeriana sejam inábeis nas artes da algolagnia, Miriam, mas quanto tempo passou desde que tiveram uma verdadeira *anguissette* sob o seu tecto?

¹ Segundo a tradição judaico-cristã, o anjo Kushiel (O Rígido de Deus), é um dos sete anjos castigadores, além de Lahatiel (O Inflamado de Deus), Shoftiel (O Juiz de Deus), Makatiel (A Praga de Deus), Hutriel (Vara de Deus), Pusiél ou Puriel (O Fogo de Deus) e Rogziel (A Ira de Deus). (N. da T.)

— Demasiado tempo.

O tom dela era melífluo, mas manteiga não derreteria na boca da decana. Eu observava, fascinada e absorta. Queria desesperadamente que Anafiel Delaunay levasse a melhor. Ele havia pousado as suas mãos de poeta em mim e mudado a minha natureza, transformado a marca da minha indignidade numa pérola de valor inestimável. Somente Melisande Shahrizai jamais nomeou o que eu era com tal segurança e celeridade; mas isso foi mais tarde, e outra história. Enquanto eu observava, Delaunay encolheu os ombros eloquentemente.

— Fazei-o, e ela será malbaratada; mais um brinquedo de flagelação para as mãos desajeitadas de filhos de mercadores. Eu posso fazer dela um instrumento de tal modo raro que príncipes e rainhas serão levados a tocar nela música requintada.

— Salvo, é claro, que já tendes um pupilo.

— Deveras. — Ele bebeu o seu cordial de um trago, pousou o cálice e encostou-se à parede, e cruzou os braços ao peito, sorrindo. — Estou disposto, em nome do Dardo de Kushiel, a reconsiderar. Estabeleceste um valor?

A Cortesã-Mor lambeu os lábios, e eu regozijei-me por vê-la tremer face à ideia de negociar com ele, tal como minha mãe tremera diante dela. Desta vez, quando ela nomeou um valor, não havia segurança na sua voz.

Era elevado, mais elevado do que qualquer valor estabelecido durante os anos que passei na Casa Cereus. Ouvi Jareth sustar suavemente o fôlego.

— Feito — disse prontamente Anafiel Delaunay, endireitando-se com um ar negligente. — Solicitarei ao meu intendente que redija os papéis amanhã de manhã. Ela será criada aqui até à idade de dez anos como é costume, sim?

— Como desejardes, Anafiel. — A Cortesã-Mor inclinou a cabeça para ele. Pude ver, da minha posição de joelhos, como ela mordeu a bochecha de raiva por ter estabelecido um valor tão baixo que ele nem se dignara regatear. — Mandar-vos-emos chamar aquando do décimo aniversário do seu nascimento.

E, com isso, o meu futuro ficou decidido.

QUATRO



A vida na Corte da Noite foi sempre uma sociedade fechada, e eu tê-la-ia deixado com Anafiel Delaunay no momento em que o negócio foi feito, houvesse-o ele permitido; mas ele não me queria, não ainda. Era demasiado nova.

Dado que ia ficar ao serviço de um amigo da corte real, deveria dar uma boa imagem da Casa Cereus, e a Cortesã-Mor deu ordens para se assegurar de que eu receberia a instrução adequada. A leitura e a elocução foram acrescentadas ao meu *curriculum*, e no meu oitavo ano de vida comecei a aprender os rudimentos da língua dos Caerdicci, a linguagem dos eruditos.

Ninguém esperava fazer uma erudita de mim, é claro, mas corriam rumores de que Delaunay frequentara a Universidade de Tiberium na sua mocidade, e tinha fama de homem instruído. Não devia encontrar motivo de embaraço numa criança criada na Casa Cereus.

Para grande surpresa dos meus tutores, eu apreciava os meus estudos, e passava mesmo horas nos arquivos, tentando decifrar os enigmas da poesia caerdicci. Deixei-me arrebatado pela obra de Felice Dolophilus, que jubilosamente se castrou por amor à sua amante, mas quando Jareth me encontrou a lê-lo, fez-me parar. Delaunay, ao que parecia, havia dado ordens para que eu lhe fosse entregue tão pura e em estado tão imaculado quanto fosse possível manter numa criança criada na Corte da Noite.

Se ele me desejava ignorante, já era, seguramente, demasiado tarde. Por altura dos meus sete anos, havia pouco que eu não soubesse — em teoria — das coisas de Naamah. Os adeptos tagarelavam entre si; nós escutávamos. Eu sabia do joalheiro real cujos trabalhos adornavam os pescoços das mais belas damas da corte; para si próprio, ele preferia somente a mais bela mocidade adornada por nada mais que os atavios da natureza. Sabia do judiciário que era famoso pela sagacidade dos seus conselhos, cujo voto íntimo era dar prazer a mais mulheres numa noite do que o Abençoado Elua. Sabia de uma fidalga que professava ser yeshuíta e requeria um guarda pessoal particularmente bem-parecido e viril para atendê-la por receio de perseguição, e sabia que outras tarefas cumpria ele até ao mais pequeno detalhe; sabia de uma outra fidalga largamente famosa como graciosa anfitriã, que contratava serviçais hábeis nas artes de arranjar flores e do *languisement*.

Estas coisas sabia eu, e julgava-me sábia por sabê-las, mal sonhando quão pequena era a soma dos meus conhecimentos. Os acontecimentos giravam fora da Corte da Noite, numa teia intrincada de rodas, mudando políticas, enquanto lá dentro nós falávamos simplesmente dos gostos deste patrono ou daquele, de mesquinhas rivalidades entre as Casas. Eu era demasiado nova para me recordar de quando o Delfim havia sido morto, chacinado numa batalha na fronteira skáldica, mas recordo-me de ver passar a sua noiva-viúva. Foi declarado um dia de luto; usámos fitas pretas e fechámos os portões da Casa Cereus.

Mesmo disto poderia não me recordar, a não ser que chorei pela princesinha, a Delfina. Ela era da minha idade e estava agora só, sem parentes, salvo apenas o seu solene avô, El-Rei. Um dia, pensei, um formoso duc viria a cavalo em seu socorro, tal como um dia — brevemente — Anafiel Delaunay viria no meu.

Tola assim era a natureza dos meus pensamentos, pois ninguém falava em termos de ganhos e perdas e posição política, se houvera veneno ou não e se o escanção real teria ou não desaparecido misteriosamente ou se o intendente ostentava um novo cordão de prata e um sorriso secreto. Estas coisas, como tantas outras, aprendi-as com Delaunay. Estes conhecimentos não se destinavam a Servos de Naamah. Éramos Flores da Noite que murcham ao peso do Sol, quanto mais da política.

Assim se preservavam os adeptos; se os Cortesãos-Mores das Treze Casas pensavam de outro modo, guardavam esses conhecimentos para si próprios e usavam-nos para o que melhor lhes aprouvesse. Nada macula o prazer ocioso como conhecimento a mais, e a Corte da Noite estava edificada na base do prazer ocioso.

O pouco que aprendi — além de respigas tais como o facto de que há vinte e sete lugares no corpo de um homem e quarenta e cinco no de uma mulher que provocam desejo intenso quando apropriadamente estimulados —, aprendi-o dos escalões mais baixos; dos cozinheiros, ajudantes de cozinha, criados de libré e moços de estrebaria. Vendida ou não, eu não tinha qualquer estatuto na Casa Cereus, e toleravam-me à margem da sua sociedade.

E tinha o meu único verdadeiro amigo: Hyacinthe.

Pois podeis estar certos, tendo saboreado a doçura da liberdade e da captura uma vez, procurei-a de novo.

Uma vez, pelo menos, por estação — e mais frequentemente nas quentes — lá trepava eu o muro, sem acompanhante, sem que dessem por isso. Dos elevados domínios da Corte da Noite, lá seguia eu caminho para o avental espalhafatoso da Cidade que se espraiava na base de Mont Nuit, e ali podia usualmente encontrar Hyacinthe.

Para além de surripiar mercadorias dos vendedores do mercado, coisa que fazia sobretudo por boa disposição e espírito travesso, ele fazia bom negócio como moço-mensageiro. Havia sempre alguma intriga sendo urdida no Umbral da Noite (assim chamavam ao seu bairro); algum arrufo de amantes ou duelo de poetas. Por um cêntimo de cobre, Hyacinthe levava uma mensagem; por mais, mantinha olhos e ouvidos abertos, dando a saber o que apurara.

Não obstante as benévolas pragas que lhe eram dirigidas, era considerado afortunado, pois ele falara verdade, e sua mãe era a única adivinha tsingana no Umbral da Noite. Tão escura como o filho e mais ainda, olhos encovados e cansados, usava ouro, sempre; moedas suspensas das orelhas, e uma corrente tilintando com ducados de ouro ao pescoço. Hyacinthe disse-me que era o modo de ser dos Tsingani, carregar assim a riqueza que possuíam.

Soube mais tarde o que ele não me disse; que sua mãe fora rejeitada pelos Tsingani por haver prestado homenagem a Naamah com um homem não pertencente ao seu povo — que, de qualquer das formas, não reverencia o Abençoado Elua, embora jamais houvesse entendido inteiramente em que acreditam eles — e que o próprio Hyacinthe, longe de ser um príncipe dos Tsingani, era nascido na rua e filho de cuco. Ainda assim, ela mantinha os costumes e acredito deveras que ela tinha o dom da *dromonde*, de arredar os véus do futuro possível. Vi uma vez um homem, um pintor granjeando certa fama, pagar-lhe para que ela lhe lesse a sina. Ela disse-lhe que ele morreria pela sua própria mão, e ele riu-se; mas quando voltei a escapar-me para o Umbral da Noite,

Hyacinthe contou-me que esse homem havia morrido envenenado, de humedecer a ponta do pincel com a língua.

Assim era a minha vida secreta, longe das vistas da Casa Cereus. A Guarda da Cortesã-Mor, é claro, sabia onde me achar; se o rasto das travessuras de Hyacinthe não era fácil de descobrir, eles faziam meramente o que eu aprendera a fazer, e perguntavam pelas donas dos bordéis e pelas tavernas. Alguém, inevitavelmente, sabia onde nos encontrarem. Acabou por tornar-se uma espécie de jogo, ver quanto tempo lograria eu manter-me em liberdade, antes de ser apanhada por uma mão enluvada e ignominiosamente atirada à força por sobre o arção de uma sela de modo a ser recambiada de volta à Casa Cereus.

A Guarda, julgo eu, via-o do mesmo modo, pois a vida na Corte da Noite era tediosa para um espadachim. Eu pelo menos oferecia-lhes um desafio, ainda que pequeno.

A Cortesã-Mor era outra história.

Após a minha terceira escapadela, ela ficou e com razão enfurecida e ordenou que me castigassem. Directamente da sela, debatendo-me e contorcendo-me, fui levada ao pátio diante dela. Jamais vira, antes disso, um poste de chicoteamento usado para o efeito.

As demais ocasiões toldam-se perante essa vívida memória. A Cortesã-Mor encontrava-se sentada na sua cadeira, olhando por sobre a minha cabeça. O guarda que me havia trazido para ali forçou-me a ajoelhar, agarrando-me ambos os pulsos numa mão. Num abrir e fechar de olhos, tinha os pulsos presos acima de mim à argola de ferro no topo do poste. A Cortesã-Mor olhava à distância. Alguém atrás de mim me agarrou pelo decote do vestido e o rasgou até abaixo.

Recordo-me de que o ar estava tépido e fragrante de flores, um toque de humidade das fontes que ali corriam livremente. Sentia-a na pele nua das costas. As lajes de mármore eram duras sob os meus joelhos.

Não foi um chicoteamento duro, como soam ser essas coisas. Tendo em mente o facto de que eu era uma criança, o castigador da Cortesã-Mor usou uma chibata macia de pele de veado e um toque delicado, estilo *pizzicato*. Mas, criança como eu era, a minha pele era tenra, e a vergasta tombou-me qual chuva de fogo entre os ombros nus.

O primeiro toque foi o mais requintado, as finas tiras de coiro fazendo-me correr arroyos de dor ao longo da pele, acordando-me um feroso tremor na base da espinha. Uma, duas, três vezes; podia bem ter-me deleitado dias face àquela dor extática, acalentando a sua memória. Mas o castigador continuou, e os arroyos transforma-

ram-se em torrentes, rios, uma inundação de dor, subjugando-me e afogando-me.

Foi aí que comecei a implorar.

Não me recordo, agora, das coisas que disse. Sei que me contorci, as mãos amarradas estendidas num rogo rígido, e chorei, e afiancei o meu remorso e prometi jamais tornar a desafiá-la — e ainda assim a vergasta tombava, uma e outra vez, inflamando as minhas pobres costas até julgá-las completamente incendiadas. Adeptos da Casa estavam presentes a observar, os rostos acostumados a não mostrar piedade. A própria Cortesã-Mor jamais olhou; tudo o que me dava a ver era aquele seu belo e venerando perfil. Chorei e roguei e os golpes tombavam como chuva, até que um langor morno se me derramou pelo corpo e eu me verguei contra o poste, humilhada e abatida.

Só então fui libertada e levada, e os meus vergões tratados, enquanto eu me sentia fina, dolorida e entorpecida por toda a parte, atrozmente punida.

— É uma doença que tens no sangue — disse-me sabedoramente Hyacinthe quando tornei a escapar-me para o Umbral da Noite. Estávamos sentados no alpendre do seu edifício na Rue Coupole, partilhando um cacho de uvas roubadas entre os dois e cuspiendo as grainhas para a rua. — É o que diz minha mãe.

— Achas que é verdade? — Eu acabara, desde a morte do pintor, por partilhar o solene assombro do bairro pelo dom da profecia da mãe de Hyacinthe.

— Pode ser. — Cuspiu uma grainha de modo meditando.

— Eu não me sinto doente.

— Não é isso. — Embora fosse somente um ano mais velho que eu, Hyacinthe gostava de agir como se tivesse a sabedoria dos tempos. A mãe andava a ensinar-lhe alguma coisa da *dromonde*, a sua arte de adivinhação. — É como o mal-caduco.² Quer dizer que um deus pousou a mão em ti.

— Oh. — Fiquei desapontada, pois isso não era mais do que De-launay havia dito, só que ele fora mais específico. Esperava uma coisa diferente da mãe de Hyacinthe. — O que diz ela da minha sina?

— Minha mãe é uma princesa dos Tsingani — disse Hyacinthe num tom altivo. — A *dromonde* não é para crianças. Achas que temos tempo para nos intrometermos nas coisas de uma franganita de uma meretriz palaciana?

² Termo popular para designar a epilepsia. (N. da T.)

— Não — concordei, macambúzia. — Acho que não.

Eu era demasiado crédula, dir-me-ia Delaunay mais tarde, rindo. Afinal de contas, a mãe de Hyacinthe tomava roupa para lavar e lia a sina a uma turba de estatuto bem pior do que qualquer Servo de Naamah. É verdade, aprendi que em muita coisa Hyacinthe estava enganado; deveras, mal ele o sabia, era interdito aos Tsingani homens tentar arredar os véus do futuro. O que a mãe lhe ensinava era tabu, *vrajna*, entre o seu povo.

— Pode ser que quando fores mais velha — consolou-me Hyacinthe. — Quando tiveres ouro para acrescentar à sua riqueza.

— Ela lê a do estalajadeiro a troco de prata — disse eu, irritada —, e a do violinista a troco de cobre. E, sabes bem, qualquer moeda que eu consiga obter além do meu contrato, irá para pagar ao marquista. E, seja como for, não servirei formalmente até me tornar mulher, está nas leis da guilda.³

— Pode ser que te faças mulher cedo. — Pouco preocupado com o meu destino, Hyacinthe meteu uma uva na boca. Odiei-o um bocadinho, então, por ser livre. — Além disso, uma moeda bem gasta pode ser-nos retornada três vezes em sabedoria ganha. — Ele mirou-me pelo canto do olho, abrindo-se num sorriso. Ouvira-o induzir muitos patronos a abrir os cordões à bolsa com deixas semelhantes. Eu sorri-lhe de volta, então, e adorei-o por isso.

³ Corporações de ofício que na Idade Média garantiam os interesses de classe e regulavam a profissão, correspondentes aos sindicatos de hoje. (N. da T.)

Cinco



A Folia do Solstício de Inverno caía antes do meu décimo aniversário, já que eu nasci na Primavera, mas a Cortesã-Mor decidiu que devia ser-me permitido assistir. Não ia, ao que parecia, deixar a Corte da Noite sem vê-la em pleno, em todo o seu esplendor.

Cada Casa tem a sua própria folia em algum ponto do ano, e cada uma delas, segundo me foi dito, é algo esplêndido e de grande tradição — mas a Folia do Solstício de Inverno é outra coisa. As suas raízes são mais antigas que a vinda de Elua, pois ela celebra a passagem do velho ano e o retorno do Sol. O Abençoado Elua ficou de tal modo encantado, diz-se, pelo simples ritual dos camponeses que o abraçou também, como um rito que honrava a sua mãe Terra e o seu consorte solar.

Coube sempre à Casa Cereus, a Primeira, ser anfitriã da Folia do Solstício de Inverno. Na Noite Mais Longa, as portas de todas as outras Casas cerram-se, esvaziam-se os seus muros, pois toda a gente vem à Casa Cereus. Os patronos não são bem-vindos salvo aqueles que detêm a insígnia de Naamah, um presente dado somente à discricção da Cortesã-Mor. Ainda agora, em que a noite das Treze Casas empalidece à luz do lucro, as insígnias permanecem uma coisa à parte, detidas somente por aqueles que provam ser de linhagem real e são julgados merecedores do amplexo de Naamah.

Dias antes do evento, a casa estava envolta em mistério e azáfama. Mistério, porque ninguém sabia quem seria escolhido entre as nossas

fileiras para desempenhar os papéis principais na grande folia; a Rainha do Inverno era escolhida, sempre, de entre as adeptas da Casa Cereus. O Príncipe Sol, é claro, podia ser seleccionado de qualquer uma das Treze Casas, e a competição era feroz. No Umbral da Noite, contou-me Hyacinthe, fazem apostas quanto ao eleito. Diz-se que o Príncipe Sol traz um ano de sorte a essa Casa.

Sei porquê, agora; Delaunay contou-me. Há uma história muito, muito antiga, mais antiga que Elua, sobre o desposar da Rainha do Inverno pelo Príncipe Sol para clamar senhoria da terra. Tais histórias, disse ele, são sempre as mais antigas, pois nasceram dos sonhos dos nossos primeiros antepassados e do eterno rodar das estações. Se é ou não isto verdade, não sei; mas sei como certo que Anafiel Delaunay não era o único conhecedor da história nessa noite.

Mas isso ainda estava por vir, e, nos dias precedentes, os interiores envoltos em mistério de toda a Casa Cereus fervilhavam de actividade. As portas que davam acesso ao Salão Nobre foram abertas de par em par, e foi-lhe dada uma barrela como raramente era vista. As paredes foram esfregadas, as colunatas polidas, o chão encerado e lustrado até reluzir como cetim cor de mogno. Cada partícula de cinza foi retirada do descomunal fogão de sala, e desengonçados andaimes erigidos de modo que equipas de ágeis aprendizes de pintor pudessem limpar um ano de fuligem acumulada no tecto coberto de frescos. Lentamente, as Façanhas de Naamah surgiram luminosas, as cores emergindo frescas e novas por debaixo do acréscimo de sujidade.

Quando a sala vazia e prístina foi julgada pronta, foi decorada com velas brancas intactas, todas por acender e cheirando a doce cera de abelha, e grandes ramadas de sempre-verde. E depois as longas mesas foram cobertas com brilhantes toalhas brancas para receberem o lauto festim que estava a ser preparado nas cozinhas. Com efeito, eu era manifestamente importuna nos meus retiros usuais, pois toda a gente desde o porteiro à mais humilde criada de cozinha estava atarefada a preparar a Folia do Solstício de Inverno. Dizei o que quiserdes da Corte da Noite, mas ninguém entrava ao seu serviço sem orgulho. Até as cavaliças eram zonas interdidadas, enquanto o Chefe de Ginetes passava em revista, de dentes cerrados, a lavagem a fundo de todo o recinto. Caso Ganelon de la Courcel em pessoa, o Rei de Terre d'Ange, viesse assistir à Folia do Solstício de Inverno (e tal coisa acontecera já noutras alturas), encontraria os seus cavalos mais bem tratados do que nas cavaliças reais.

É claro, eu já testemunhara tais preparativos antes, mas este ano era diferente, dado que eu ia assistir. Das minhas antigas companhei-

ras, somente a de beleza frágil, Ellyn, iria assistir, pois a marca de Juliette fora comprada pela Casa Dália, tal como todos haviam adivinhado, e a alegre Calantia fora-se para ser criada na Orchis chegado o seu décimo aniversário. O bonito meio-irmão de Ellyn, Etienne, era demasiado novo, e deveria passar a Noite Mais Longa nos aposentos das crianças.

Havia outros dois filhos de criação, contudo, que eu ainda não conhecera, pois a Casa Cereus comprava marcas de crianças pertencentes a outras casas, também; a pálida Jacinthe, cujos olhos azuis eram quase-quase demasiados escuros para o cânone de Cereus, e um rapaz, Donatien, que não dizia uma palavra. Tal como Ellyn, destinavam-se a ser iniciados nos mistérios de Naamah, e eu invejava-lhes a segurança de ali pertencerem.

Na Noite Mais Longa, contudo, não haveria contratos, qualquer troca de moedas. Entre os Servos de Naamah e os seus convidados de eleição, somente ligações ao sabor das fantasias seriam feitas; o nosso papel era adornar as festividades. É tradição beber-se *joie* na Noite Mais Longa, esse claro e forte licor destilado do suco de uma rara flor branca que cresce nas montanhas e viceja no meio da neve. Nós devíamos circular por entre os convidados, oferecendo diminutos cálices cristalinos de *joie*, que carregávamos em bandejas de prata.

Dado que é privilégio da Casa Cereus eleger a Rainha do Inverno, é esse o tema que mantemos, em trajes de branco e prata. Eu estava com esperanças de ver Suriah, para lhe mostrar o meu. Todos nós quatro estávamos adornados de duendes de Inverno. Envergávamos diáfnas túnicas brancas de gaze para mimar o efeito de flocos de neve voando ao vento, com mangas recortadas adornadas com contas de vidro que pendiam quais pingentes de gelo quando erguíamos as nossas bandejas em oferecimento. Simples dominós brancos debruados a prata, adequados para crianças, mascaravam-nos os rostos, e usávamos somente um toque de carmim nos lábios para uma nota de cor. Um aprendiz de mestre-fiteiro prendia-nos o cabelo, e fazia um bonito trabalho, também, entrançando-nos a cabeleira com fitas brancas para evocar um profuso nevão.

Mas Suriah não veio ver-nos, e foi outro adepto que nos deu instruções na cozinha. Ele usava brocado branco debruado de arminho, e a máscara de uma raposa da neve coroava-lhe a frente, mostrando os dentes sobre os seus próprios olhos.

— Assim — disse ele impacientemente, corrigindo a linha do braço de Donatien quando o rapaz ergueu a sua bandeja. — Não, não; su-

ave, elegante. Não vais servir canecas numa taverna, rapaz! O que é que eles te ensinam na Casa Mandrágora?

O quê deveras, perguntei-me eu. O castigador da Cortesã-Mor fora um adepto da Mandrágora. Donatien tremeu, e os cálices delicados tremeram como carrilhões na bandeja, mas ele ergueu-a graciosamente.

— Melhor — disse o adepto com relutância. — E a invocação?

— Júbilo. — Foi mais um sussurro do que uma elocução, e Donatien parecia prestes a desfalecer do esforço. O adepto esboçou um sorriso retorcido.

— Que florinha mais frágil... perfeito, amor. Eles marcarão os seus calendários até atingires a idade. Muito bem, então; tratai de que os convidados sejam servidos primeiro, e os Cortesãos-Mores em segundo. Depois disso, é quem calhar.

Virou-se então para sair, baixando a máscara.

— Mas...

Foi Jacinthe quem falou. O adepto voltou-se, o seu rosto agora um mistério por trás das feições matreiras de raposa da neve, sombras escuras por trás dos orifícios dos olhos de cada lado do focinho afilado e ladino. — Como saberemos nós? — perguntou ela sensatamente. — Está toda a gente com máscaras.

— Sabereis — disse a raposa da neve. — Ou errareis.

E com este pequeno conselho nada tranquilizador, deixou-nos entregues à atormentada direcção do pessoal de culinária.

Para lá das portas, ouvimos soar as trompas, anunciando a chegada do primeiro grupo de convidados. Os músicos começaram a tocar uma marcha. No ar abafado da cozinha, o Cozinheiro Chefe berrou ordens e as pessoas apressaram-se a cumpri-las. Nós quatro entreolhámo-nos, incertos.

— Pelo amor de Naamah! — O Segundo Assistente de Escanção encarregou-se de nós, passando-nos as bandejas e empurrando-nos na direcção da porta. — Cereus está a dar entrada; ide agora, e tomai as vossas posições ao longo da parede, esperai até que todas as Casas e o primeiro dos convidados hajam entrado. — Fez um movimento de nos enxotar. — Ide, ide! Não quero ver-vos de volta até cada copo estar vazio!

No Salão Nobre, vi que haviam sido colocadas almofadas genuflexórias ao longo da parede. Tomámos as nossas posições para aguardar, e ficámos com uma boa vista do desfile de convidados à medida que entravam por entre as colunatas de mármore.

A bandeja não era leve, carregada como estava de copos, mas eu fora acostumada a isto, como todos havíamos sido. Olhando pasmada

para os celebrantes que entravam, depressa esqueci o peso nos braços e nos ombros.

Reconheci a Cortesã-Mor num instante, quando ela entrou apoiada ao braço de Jareth. Estava mascarada como uma grande coruja-das-neves, usando uma vasta máscara de penas brancas que lhe cobria o rosto todo. Comentava-se, bem o sabia, que esta seria a sua última Folia do Solstício de Inverno. Jareth usava uma máscara de águia, com as penas sarapintadas de ferrugem. Os adeptos da Casa Cereus seguiam-nos, uma fantasia branca e prata de criaturas e espíritos inverniais; perdi-lhes a conta, com o espumar de seda e gaze e debruns de prata, coroados de cornos, de capuzes e máscaras.

E isto era somente o princípio.

Todas as Treze Casas fizeram a sua entrada. Ainda agora, passado o seu auge, àqueles que nunca viram a Corte da Noite em todo o seu esplendor, digo: lamento-vos. Cheguei mais longe do que a minha posição de nascimento jamais faria crer, e assisti a grandes cerimónias na corte real, mas em nenhum outro lado vi tal exultação de beleza, e beleza por si só. É, como nenhuma outra coisa neste mundo, a quinta-essência dos D'Angelines.

Fora eu então instruída por Delaunay, o que não era, teria reparado e poderia recordar agora qual era exactamente o tema de cada casa, mas ainda conservo algumas coisas dignas de realce. A Dália desafiou a soberania de Cereus com tela de ouro, e os adeptos da Genciana vinham mascarados de videntes, precedidos de incensórios de ópio. A Casa Rosa Amarela, ao seu jeito avoadado, entrou como uma companhia de tsingani, cantando e tocando e executando acrobacias. Os adeptos da Alyssum, famosos pela sua modéstia, estavam envoltos em túnicas e véus de sacerdotes e sacerdotisas Yeshuítas, profanamente provocadores. A Casa Jasmim pavoneou-se, como sempre, no exotismo de terras longínquas, e a jovem Segunda do seu Cortesão-Mor dançava com nada mais que a pele empoada, o cabelo negro como a noite e uma nuvem de véus.

Isto foi mal acolhido pelo Cortesão-Mor da Valeriana, que escolhera um motivo de *hareem* para os seus adeptos, mas tais coisas acontecem. Pela minha parte, fez-me lembrar a minha mãe vagamente recordada, e apesar disso muito fugazmente, pois o desfile continuou.

Poder-se-ia supor, e logicamente, que eu tivesse mais curiosidade quanto aos adeptos da Casa Valeriana. Seria para lá, como dissera a Cortesã-Mor, que eu teria ido não fora ser defeituosa. E curiosa estava eu, o bastante para haver aprendido algumas coisas: *Eu me rendo*, era o moto da Casa; os seus adeptos eram aqueles que tinham propensão para

encontrar prazer no extremo da dor e eram instruídos para recebê-la. Assaz lógico; mas o íman é atraído para o ferro. Não prestei atenção ao Sonho de Paxá que era a Casa Valeriana, e em vez disso deleitei-me com a chegada dos adeptos da Casa Mandrágora, ataviada como a Corte de Tártaro.⁴

Ali, entre toda a leveza e alegria dos outros mascarados (a Casa Orchis, estou recordada, tinha um admirável tema aquático com se-reias e fantásticos monstros marinhos), eles destoavam com uma nota deliciosamente sinistra. Veludo negro, como uma noite sem luar, e seda qual rio negro sob as estrelas; máscaras de bronze, com cornos e bicos, ao mesmo tempo belas e grotescas. Senti-me percorrida de um tremor, e escutei o som cristalino de copos tremendo uns contra os outros.

Não na minha bandeja; olhei, e era Donatien, o seu rosto pálido.

Apiedei-me do seu medo, e invejei-o.

Então, por fim, o cortejo findou e as trompas soaram de novo, e os convidados entraram.

Reais ou não, eram um mosaico desigual face ao esplendor da Corte da Noite: lobos, ursos e cervos, duendes e diabretes, heróis e heroínas lendários, embora sem qualquer tema associado. Ainda assim pude ver, uma vez entrados, que, quando todos começassem a misturar-se, dariam um quadro glorioso.

As trompas soaram uma vez mais, e todos — Cortesãos-Mores, realeza e adeptos — recuaram ao longo da colunata, pois este era o toque de entrada da Rainha do Inverno.

Ela entrou só, claudicante.

Diz-se que a máscara da Rainha do Inverno foi feita há quatro centos de anos por Olivier o Oblíquo, tão sublime mestre do ofício que ninguém conhecia as suas verdadeiras feições. Seguramente, era antiga, camadas diáfanas de coiro ensopado e moldado à maneira de uma velha enrugada, pintado e lacado até escarnecer, não da vida, mas da sua preservação. Uma velha cabeleira de cauda de égua cinza coroava-lhe a cabeça, e estava envolta em farrapos cinza, um xaile esqualido em torno dos ombros.

Era esta, então, a Rainha do Inverno.

Todos se curvaram quando ela entrou no Salão Nobre, e nós que estávamos ajoelhados, curvámos a cabeça. Ela caminhou mancando até ao topo da colunata, apoiada a um velho bordão de abrunheiro, e voltou-se de frente para a multidão. Endireitando-se apenas ao de leve,

⁴ Na mitologia grega, Tártaro era a personificação do Inferno. (N. da T.)

ergueu o bordão no ar. As trompas clamaram, as pessoas soltaram vivas e os músicos começaram a tocar uma melodia animada; começara a Folia do Solstício de Inverno.

Quanto ao Príncipe Sol, viria mais tarde; ou já seria aqui, muito provavelmente, mas não dado a conhecer no seu traje. Não até que os relojoeiros assinalassem o momento com um grito, emergindo ele então para despertar a Rainha do Inverno para a mocidade.

Era pois começada. Ergui-me da minha almofada, hirta de permanecer ajoelhada, e comecei a circular. Todos havíamos prestado atenção aos fatos no cortejo; tal como dissera a raposa da neve, afinal não era tão difícil. Podíamos não conhecer os actores, mas as equipas eram facilmente identificadas. — Júbilo — murmurava eu, erguendo a bandeja, os olhos baixos. De cada vez, um copo era agarrado e bebido de um trago, pousado de volta, vazio.

Pelo canto do olho, observei os outros três, calculando o momento em que todos os convidados estariam servidos de um cálice de *joie*. Eu tinha em mente servir o Cortesão-Mor da Casa Mandrágora, que usava uma coroa de bronze acima da máscara e trazia na mão direita um gato de nove caudas.⁵ A minha bandeja ficou vazia antes que os convidados estivessem todos servidos, contudo, e tive de tornar à cozinha, onde o ansioso Segundo Assistente de Escanção tornou a enchê-la de minúsculos cálices com o límpido elixir.

No Salão Nobre, criados de libré haviam dado início ao processo de carregar travessa atrás de travessa de comidas sumptuosas, até as mesas quase vergarem; tive de esquivar-me por entre eles, com a minha bandeja de *joie*. Ao centro, vários casais haviam começado uma pavana, e pude ver que num canto mais além um dos acrobatas da Casa Rosa Amarela executava habilidades.

Diante de mim estava um imponente convidado que pouco avisadamente escolhera mascarar-se como Chevalier da Rosa. Vislumbrei um rodopiar de veludo negro e um cintilar de bronze além dele, e procurei passar, mas o colete de um estranho bloqueou-me a visão. Estava adornado de brocado cor de bronze e botões com a forma de bolotas de prata, e recordei-me de que o seu dono era um convidado mascarado de Fauno. Ocultando o meu aborrecimento, murmurei o ritual “Júbilo” e ofereci a bandeja.

⁵ Chicote composto por quatro pontas de corda ou lã, que foi criado como instrumento de punição para marinheiros e é até hoje usado para proporcionar prazer sexual sadomasoquista. (N. da T.)

— Phèdre.

Conheci a voz, um rico tenor de homem, simultaneamente divertido e enfadado, e olhei para cima, sobressaltada. Por trás da máscara rústica, os seus olhos eram cinza salpicados de topázio, e a longa trança nas costas era castanha-avermelhada.

— Meu senhor Delaunay!

— Deveras. — Porque soava ele tão divertido? — Não pensava ver-te aqui, Phèdre. Não completaste dez anos sem me dizeres, completaste?

— Não, meu senhor. — Pude sentir o rubor subir-me ao rosto. — A Cortesã-Mor achou que me devia ser permitido servir; para ver a folia, por uma vez.

Ele afagou-me com as pontas dos dedos o cabelo adornado de fitas, ajustando uma madeixa com um olhar avaliador. — Assistirás a teu contento, ou muito me engano. Embora jamais sejas um sucesso mascarada, meu doce; não com esses olhos. O Dardo de Kushiel trair-te-á.

Poderia ali ter ficado para sempre, enquanto ele se ocupava da minha aparência; não sei porquê. — Foi assim que me conhecestes, meu senhor? — perguntei, para manter a sua atenção em mim.

— Nem por sombras. Nem os olhos levantaste. — Abriu-se então num sorriso, inesperadamente; mesmo mascarado, fazia-o parecer mais novo. Teria então apenas os seus trinta e tal anos, julgo eu. Nunca soube ao certo, mesmo quando sabia bem mais do que sabia então. — Pensa nisso, Phèdre, e eu dir-te-ei porquê quando nos voltarmos a encontrar. E mantém esses olhos dardejados abertos esta noite, meu doce. Pode haver mais para ver aqui do que flagelantes pagos com um fetiche por veludo negro. — Com isso, tirou-me um cálice da bandeja e bebeu-o de um trago. — Júbilo — disse, pousando-o de volta vazio, e afastou-se.

Equilibrando a bandeja numa mão, peguei no cálice por onde ele havia bebido e levei-o aos lábios. Com a ponta da língua, apanhei uma gota minúscula de puro *joie* lá bem no fundo. O sabor ardeu-me no palato, límpido e picante, ao mesmo tempo gelado e escaldante. Vendo-o avançar sinuosamente através da multidão, saboreei o seu gosto e o secreto partilhar; depois, lesta e culpada, tornei a pousar o cálice e continuei a minha ronda.

Foi nessa noite que comecei a discernir pela primeira vez os padrões mais profundos em jogo em Terre d'Ange, os rodopios e torvelinhos de poder e política que governavam as nossas vidas inocentes. Apesar deste encontro, a custo poderá dizer-se, penso eu, que fosse tudo devido à influência de Delaunay. Seguramente teria prestado

atenção, pela comoção que provocou, ao que aconteceu mais tarde, precavida ou não.

Faltava uma hora para a meia-noite, pelos cálculos dos relojoeiros, quando chegou o grupo do Príncipe Baudoin. Por essa altura, já perdera a conta ao número de vezes que circulara com a minha bandeja de prata e ao número de vezes que o Segundo Assistente de Escanção me providenciara novos cálices. Haviam-nos sido concedidas pausas à vez, e dada licença para enchermos os nossos pratos nas grandes mesas. Servi-me de um capão inteiro coberto de molho de uva, de uma tenra fatia de carne de veado acompanhada de passas e mesmo de uma pequena salada de verduras, e bem satisfeita fiquei.

Acabara de retomar o meu serviço quando ouvi a comoção; um novo grupo chegava, ruidoso e efusivo. Abrindo caminho através da multidão, cheguei à frente de todos.

Eram quatro mancebos, e somente pelos seus trajes e conduta percebi que eram de sangue real, verdadeiros descendentes de Elua e dos seus Companheiros. — Príncipe Baudoin! — disse alguém num tom de assombro abafado, e suspeitei qual deles era; esbelto e com cabelo asa de corvo, pele clara e olhos cinza-mar, o selo da Casa Trealion. Os outros a ele se submetendo, embora ele se apoiasse, embriagado, no ombro de um camarada.

Usava uma máscara de Azza sobremaneira encantadora, embora à banda sobre as suas puras feições de d'Angeline, e um grande chapéu de veludo com uma pena pendente. Vendo a multidão que se reunia, desembaraçou-se do braço de apoio do seu camarada e ergueu um cálice na mão direita. — Júbilo! — gritou, a sua voz clara e arrebatadora mesmo empastada pelo vinho. — Júbilo para a Corte da Noite, nesta Noite Mais Longa!

À minha esquerda, ouvi o som débil de cristal a tremer; Donatien. Ele olhou-me uma vez de relance, aterrorizado. Pois então, pensei, que assim fosse. Contorcendo-me para passar por um cervo de grandes hastes, acerquei-me do grupo do Príncipe. Podia sentir os olhos da Corte da Noite sobre mim, e o meu coração bateu com força.

— Júbilo — ecoei suavemente, erguendo a bandeja.

— O que é isto? — Uma mão forte qual tenaz agarrou-me o braço, os dedos enterrando-se-me na carne, tirando-me o fôlego. Levantei os olhos para os do acompanhante do Príncipe. Usava uma máscara de jaguarundi, mas por trás dela os olhos brilhavam-lhe negros e cruéis, sorridentes. O cabelo caía-lhe a direito sobre os ombros, de um louro tão pálido que cintilava como prata à luz das velas. — Denys, provai.

Um dos outros tirou um cálice da bandeja que eu oferecia e emborcou-o. — Uauuh! — Abanou a cabeça, mascarada de lobo, e fez estalar os beiços. — Puro *joie*, Isidore; bebei!

Eu deixei-me ficar, trémula, enquanto os descendentes de Elua deitavam as mãos ávidas à minha bandeja. Cálice atrás de cálice foi emborcado, e lançado em cacos no reluzente soalho. O Príncipe soltou uma gargalhada, alta e selvagem, como trompas. A máscara entortou-se-lhe sobre a fronte branca e vislumbrei-lhe um brilho febril nos olhos. — Um beijo de boa sorte, pequena portadora de júbilo! — declarou ele, arrebatando-me nos braços. A minha bandeja foi esmagada entre nós e caiu clamorosamente ao chão, mais copos feitos em estilhaços. Os seus lábios roçaram o canto dos meus por um instante esbaforido, com sabor a *joie*; e depois fui atirada de lado, esquecida, e o grupo do Príncipe irrompeu pelo Salão Nobre adiante. O homem com a máscara de jaguarundi lançou-me um olhar de relance, e esboçou o seu sorriso cruel.

Eu ajoelhei no chão, recolhendo os cacos de vidro partido para a bandeja, sem prestar atenção às lágrimas que tinha nos olhos; porquê, não saberia sequer dizê-lo, se fora o beijo ou o atirar de lado que me abrasara o coração. Mas eu era uma criança, e tais coisas depressa são esquecidas. Na cozinha, Jacinthe lançou-me olhares odiosos, e eu recordava somente o orgulho de que um Príncipe de sangue real me houvesse nomeado portadora de júbilo e beijado a troco de boa sorte.

Irónico, isso; tal como Anafiel Delaunay me poderia ter dito, o meu era um nome malfadado. Tivesse eu sorte para desperdiçar, tê-la-ia partilhado com ele. Não tinha forma de saber, então, que estaria presente quando a sorte dele virasse por fim. Alguns diriam que ele fora um tolo em confiar em Melisande, e porventura sê-lo-ia; ainda assim, não teria dado conta sequer da outra traição que aí vinha, de alguém que conhecia há mais tempo.

Mas, nessa noite, tais maquinações não se sonhavam sequer ainda. Como se o folgado não fosse já antes a todo o pano, mais lesto correu agora. As pomposas pавanas deram lugar à galharda e à jovial dança da roda, e os músicos tocaram num frenesim, os rostos luzindo de suor. Tão grande era a folia que engoliu mesmo o grupo do Príncipe. Eu circulei com a minha bandeja, tonta do ruído e do calor. As ramadas de sempre-verde sobre o fogão crepitante emanavam uma fragrância a pinheiro, sobrepondo-se ao tumulto olfactivo de um cento de perfumes competindo entre si e de carne abrasada, pontuado pelo pungente fumo opiáceo dos incensórios da Casa Genciana.

Estávamos a ficar sem copos. O estilo do sarau fora decretado, e eu não tinha forma de contar quantos convidados e adeptos emborcavam os seus *joies* e estilhaçavam os cálices no chão, aos gritos. Nada havia que qualquer um de nós quatro pudesse fazer; continuávamos, as nossas bandejas escassamente carregadas, enquanto os criados de libré da Casa Cereus irrompiam através da multidão com vassouras e pás.

Tais eram as profundezas que me ocupavam a mente quando, por entre a alegre gritaria da música, começou o lento toque a rebate. Era a Noite Mais Longa; já quase o havíamos esquecido, todos nós. Mas os relojoeiros não — eles nada esquecem —, e o Arauto da Noite bateu o gongo a um ritmo cadenciado, sobrepondo-se ao tumulto e fazendo abrandar o folgado. Os dançarinos apartaram-se e a pista esvaziou-se, os convivas recuando. Por detrás de um biombo a Rainha do Inverno reemergiu, apoiada ao seu bordão de abrunheiro, avançando claudicante até à cabeça da colunata.

Alguém deu vivas, e foi silenciado. Todos olharam para as portas bem cerradas do Salão Nobre, aguardando o Príncipe Sol.

Uma, duas, três vezes; do lado de lá, a ponteira de uma lança bateu nas portas, e estas abriram-se à terceira pancada com um som arrepiante dos timbales dos músicos.

Ele estacou no umbral da porta: o Príncipe Sol.

Era uma visão de tela de ouro, do gibão às bragas, até às botas. O manto era de tela de ouro, varrendo pendente o soalho quando entrou. A máscara de um mancebo sorridente, cintilando a folha de ouro, ocultava-lhe o rosto, e os seus raios ocultavam-lhe a cabeça. Ouvi murmúrios e especulação à medida que ele avançava a todo o comprimento da colunata, com a lança dourada na mão.

Uma vez no topo, fez uma vénia; mas quando se ergueu o mesmo fez a ponta da lança, num movimento ascendente de forma a tocar o peito da Rainha do Inverno. Inclinando a cabeça, ela deixou cair o seu bordão de abrunheiro. Tombou clamorosamente no silêncio. Com ambas as mãos, ela ergueu a máscara e arrancou a cabeleira da cabeça, libertando-se com um safanão dos seus incómodos farrapos e do xaile.

Fiquei sem fôlego, pois a Rainha do Inverno era jovem e bela, e era Suriah.

Mas a mascarada não estava acabada.

O Príncipe Sol tombou sobre um joelho, agarrando a mão da Rainha do Inverno. Num movimento brusco, sacou de uma aliança e enfiou-lha no dedo; brutalmente, pois vi-a fazer uma careta. Ele ergueu-se,

então, tomando-lhe a mão, e voltou-se de frente para a multidão. Quando levantou a máscara, vimos: era o Príncipe Baudoin.

Após um breve suster de fôlego, o Arauto da Noite deu balanço ao seu bastão e aplicou no gongo uma pancada vibrante, deixando que o toque a rebater desse tremulamente voz ao Ano Novo, e as trompas pularam no vazio da noite com um som metálico, proclamando júbilo para todos. E nesse momento suspenso de admiração, os convivas recuperaram o fôlego, gritando com as trompas, aclamando o arrojo de um embriagado mancebo Príncipe de Sangue. E então os músicos exaustos encontraram novo ímpeto de energia, e o maestro bateu com a ponta do pé, e passaram a uma animada melodia.

De algum modo, no meio daquilo tudo, o meu olhar pousou em Anafiel Delaunay. Ele estava a olhar para eles; para a encantadora e aturdida Suriah, a mão com a aliança sustida no ar pelo Príncipe, com os seus olhos selvagens e cintilantes; e por trás da sábia máscara de Fauno, as feições de Delaunay estavam compostas e pensativas.

Assim foi a minha introdução na política.

8Ei8



Após a Folia do Solstício de Inverno, podeis estar certos, as semanas não havia modo de passarem depressa bastante para mim até ao meu décimo aniversário. Agora mais do que nunca, eu não tinha lugar na Casa Cereus; já sem idade para os aposentos das crianças, mas nova de mais para os filhos de criação e aprendizes, entre os quais eu já não teria de qualquer forma nunca mais lugar.

A casa estava num alvoroço com os acontecimentos da folia, vendo na audacidade do Príncipe Baudoin o augúrio de um retorno aos dias de antanho, em que os descendentes de Elua buscavam livremente o prazer e o conselho dos Servos de Naamah. Isto fiquei eu a saber; Baudoin era sobrinho de El-Rei, por via de sua real irmã, a Princesa Lyonette, que era casada com Marc, Duc de Trevalion. Tinha somente dezanove anos, e ganhara reputação de rebelde na Universidade de Tiberium, de onde fora suspenso por inenarráveis escapadelas.

Para além disto, pouco sabia. Hyacinthe contou-me que se falava no Umbral da Noite que houvera, por estranho que parecesse, duas apostas feitas em Baudoin de Trevalion para desempenhar o papel do Príncipe Sol, e ninguém — nem ele próprio — sabia a que bolso haviam ido parar as somas consideráveis. De resto, muito dinheiro se perdera, e os responsáveis pelas casas de apostas haviam engordado nesta Noite Mais Longa.

Quando o frio do Inverno começava a dar relutantemente lugar à humidade morna da Primavera e o mais ténue matiz de verde pálido se apegava aos ramos, completei dez anos.

Para as crianças da Corte da Noite, esta era uma grandiosa e solene ocasião. É nesse dia que se sai dos aposentos das crianças para a zona dos filhos de criação, para se viver lado a lado com esses privilegiados aprendizes que já chegaram à idade e foram iniciados nos mistérios de Naamah, que se diz sussurrará segredos às primeiras horas da madrugada da instrução que iniciaram. Toma-se o nome da casa e tem lugar uma celebração, com vinho cortado com água, e o cerimonial partir de um bolo de mel, que é partilhado pelos adeptos da Casa.

Eu a nada disto tive direito.

Em vez disso, como antes, fui enviada a comparecer na sala de recepções da Cortesã-Mor, onde mais uma vez ajoelhei *abeyante* sobre a almofada. Lá estava Anafiel Delaunay, e a Cortesã-Mor, e Jareth, o seu Segundo. Ela estava mais velha e rabugenta, e reparei por sob os cílios como lhe tremia a mão que sustinha os papéis para revisão.

— Está tudo em ordem — disse Jareth apaziguadoramente, dando-lhe uma palmadinha na mão. Lançou um olhar impaciente na direcção da porta, por onde o Chanceler da Casa assomava com o selo oficial da guilda. — Só tendes de assinar, e Phèdre estará livre para partir com o meu senhor Delaunay.

— Devia ter pedido mais! — queixou-se a Cortesã-Mor. A voz soou mais alto do que ela julgava, como acontece com os anciãos. Anafiel Delaunay pousou-me uma mão na cabeça, afagando-me brevemente os caracóis. Eu ousei levantar os olhos de relance e vi-o sorrir tranquilizadamente. A Cortesã-Mor assinou com uma mão trémula, as intrincadas veias azuis visíveis através da fina pele de velha, e o Chanceler da Casa deslizou para diante com a sua candeia para estampar o selo oficial da guilda nos documentos, certificando que tudo havia sido executado dentro das leis da Guilda dos Servos de Naamah.

— Feito. — Jareth fez uma vénia, as mãos unidas, levando as pontas dos dedos aos lábios. Havia ultimamente uma boa disposição nele que transbordava à mais ínfima provocação, nascida da segurança de que o lugar de Cortesão-Mor da Casa Cereus lhe estava quase no regaço. — Possa Naamah abençoar a vossa empresa, meu senhor Delaunay. Foi um prazer.

— O prazer foi meu — disse Delaunay polidamente, retribuindo a vénia, embora não como se para um seu igual. — Miriam — disse para a Cortesã-Mor, num tom mais grave. — Desejo-vos saúde.

— Bah. — Ela mandou-o calar com um gesto e acenou-me, — Phèdre. — Ergui-me como havia sido ensinada, e ajoelhei diante da sua cadeira, subitamente aterrorizada que ela reconsiderasse. Mas a sua mão intrincada ergueu-me para me afagar a face e os seus olhos, não menos duros de aço por trás da reuma que os toldava, buscaram-me o rosto. — Devia ter pedido mais — repetiu, quase amavelmente.

Dizem que o dinheiro é um dos poucos prazeres que perduram, e eu entendi que, não obstante tudo, isto era uma espécie de bênção. De súbito, senti uma grande ternura pela anciã, que me acolhera quando a minha própria mãe me rejeitara, e entreguei-me à sua carícia.

— Phèdre — disse Delaunay gentilmente, e lembrei-me de que tinha um novo amo e levantei-me obedientemente. Ele sorriu apazivelmente para Jareth. — Mandai as coisas dela para o meu coche.

Jareth fez uma vénia.

E assim saí eu da Casa Cereus, e da Corte da Noite, na qual havia nascido.

Não sei o que esperava, no coche de Delaunay; fosse o que fosse que eu esperava, não aconteceu. O coche dele aguardava no pátio de entrada, uma elegante quadriga puxada por quatro cavalos baios puros-sangues. Um aprendiz trouxe a pequena trouxa que continha as coisas a que podia chamar minhas, que eram pouco mais que nada, e que o cocheiro arrumou lá atrás.

Delaunay precedeu-me, dando uma palmadinha nos coxins de veludo para indicar que me sentasse. Acenou pela janela para o cocheiro e arrancámos velozmente, recostando-se então no assento e cerrando parcialmente a cortina.

Quedei-me sentada, ansiosa, expectante.

Nada aconteceu. Delaunay, por seu lado, ignorou-me, cantarolando para consigo e olhando através da janela com a cortina meio corrida. Passado um bocado, cansei-me de esperar que alguma coisa acontecesse e precipitei-me para a janela do meu lado, afastando a cortina para trás.

Era eu pouco mais que um bebé de colo, vira mundo; mas, desde os quatro anos de idade, jamais me aventurara para lá do Umbral da Noite. Agora olhei pela janela, e vi a Cidade de Elua rolar-me perante a vista e regozijei-me. As ruas pareciam limpas e novas, os parques prestes a desabrochar de Primavera, e as casas e os templos aspiravam todos ao alto em jubiloso desafio da terra. Atravessámos o rio, e as velas luminosas dos navios mercantes fizeram-me o coração cantar.

O coche conduziu-nos para um elegante bairro da Cidade, nas cercanias do Palácio, embora nos arrabaldes. Passámos através de um por-

tão estreito, e entrámos num modesto pátio. O cocheiro apeou-se e deu a volta para abrir a porta; Delaunay desceu, e eu vacilei, incerta, olhando por cima do seu ombro para uma simples e elegante casa citadina.

A porta abriu-se, e uma figura não muito maior que eu assomou correndo, conteve-se, e continuou a um passo mais decoroso.

Eu olhei do coche para o rapaz mais belo que jamais vira.

O seu cabelo era branco; e para aqueles que nunca conheceram Alcuin, digo-o arrebatada: era branco, mais branco que a pelagem de uma raposa da neve. Parecia seda caindo-lhe sobre os ombros, num rio de luar. Um albino, poder-se-ia supor — e, com efeito, a sua pele era inexcusavelmente clara, mas os olhos eram escuros, tão escuros como amores-perfeitos à meia-noite. Eu, criada entre pérolas de beleza, fiquei sem fôlego. Do lado de lá de Delaunay, ele agitou-se, impaciente, um sorriso simultaneamente amável e ávido iluminando-lhe os olhos escuros.

Havia-me esquecido de que Delaunay já tinha um pupilo.

— Alcuin. — Percebi o afecto na voz de Delaunay. Revolveram-se-me as entranhas. Ele pousou a mão no ombro do rapaz e voltou-se para mim. — Esta é a Phèdre. Faz que ela se sinta bem-vinda.

Eu saí do coche, tropeçando. Ele tomou-me as mãos nas suas, frescas e suaves, e beijou-me em saudação.

Pude sentir o sorriso retorcido de Delaunay à distância.

Um criado de libré emergiu de dentro de casa para pagar ao cocheiro e pegar na minha pequena trouxa, e Delaunay conduziu-nos a ambos gentilmente para dentro. O rapaz Alcuin permaneceu de mão dada comigo, puxando-me ligeiramente.

Lá dentro, a casa de Delaunay era graciosa e aprazível. Outro criado de libré fez uma vénia, coisa em que eu mal reparei, e Alcuin soltou-me a mão para saltitar à minha frente, olhando de relance para trás com um sorriso lesto e ávido. Odiava-o já pelo que sabia a respeito do nosso mútuo amo. Atravessámos várias salas até um santuário interior, um pátio ajardinado onde um terraço com trepadeiras precocemente vicejantes lançava sombras verdejantes sobre as lajes de pedra e uma fonte cantava. Havia um nicho com uma estátua de Elua, e uma mesa posta com melão gelado e uvas pálidas.

Alcuin rodopiou, de braços estendidos. — Para ti, Phèdre! — gritou, rindo. — Bem-vinda! — Deixou-se cair sobre uma das otomanas reclináveis dispostas em círculo, convidando à conversa, envolveu o corpo com os braços e abriu-se num sorriso.

Um criado discreto deslizou para o pátio, servindo vinho gelado a Delaunay, e água fresca a Alcuin e a mim.

— Bem-vinda. — Delaunay secundou o brinde, sorrindo, avaliando a minha reacção. — Come. Bebe. Senta-te.

Eu tirei uma fatia de melão e empoleirei-me no rebordo de uma otomana, olhando-os a ambos, notoriamente desconfortável com a natureza indefinida do meu papel ali. Delaunay reclinou-se à vontade, parecendo divertido, e Alcuin seguiu-lhe o exemplo, parecendo rejubilar de antecipação. Eu não pude deixar de olhar de relance à minha volta, procurando uma almofada genuflexória. Não havia nenhuma.

— Nós não permanecemos de pé, nem ajoelhamos, cerimoniosamente em minha casa, Phèdre — disse amavelmente Delaunay, lendo-me o pensamento. — Uma coisa é observar as cortesias sociais, outra muito diferente é tratar seres humanos como objectos.

Levantei os olhos direitos aos seus. — Sois detentor da minha marca — disse abruptamente.

— Sim. — Ele lançou-me aquele olhar avaliador. — Mas não te detenho a *ti*. E quando um dia tiveres a marca feita, quero que me recordes como alguém que te ajudou a elevares-te, e não te minimizou. Entendes?

Eu puxei um botão do coxim de veludo da otomana. — Apraz-vos que as pessoas vos devam favores.

Fez-se uma pausa, e então ele soltou a gargalhada mais inesperada que eu ouvira na minha vida, o riso mais agudo de Alcuin ressoando acima dela. — Sim — disse Delaunay pensativamente. — Podes dizer isso. Embora goste de pensar que sou um humanista, também, na tradição do Abençoado Elua. — Encolheu os ombros, deixando cair o assunto ao seu jeito divertido. — Ouvi dizer que aprendeste qualquer coisa da língua caerdicci.

— Li tudo de Tellicus o Mais Velho, e metade do Mais Novo! — retorqui, mortificada com a sua atitude. Não mencionei a poesia de Felice Dolophilus.

— Bom. — Ele permaneceu imperturbável. — Não estás muito atrás de Alcuin, então; podeis ter as vossas lições juntos. Conheces outras linguagens? Não? Não importa. Quando estiveres instalada, providenciarei para que comeces com lições de Skáldico e Cruithne.⁶

⁶ Nome gaélico de um povo semi-mítico pré-celta oriundo do continente europeu, que viveu nas Ilhas Britânicas durante a Idade do Ferro. Os Cruithne originários da Irlanda que migraram para o oeste da actual Escócia são frequentemente identificados como os Dalriada, a quem os Romanos chamavam Escotos; e os do norte e leste da Escócia, como os Pictos, referidos pelos Romanos como Picti (pintados ou tatuados). (N. da T.)

A minha cabeça turvou-se; levantei o meu prato de melão, e voltei a pousá-lo. — Meu senhor Delaunay — disse, escolhendo cuidadosamente as palavras. — Não é vossa vontade que eu me torne aprendiz ao serviço de Naamah?

— Oh, isso. — Com um aceno de mão, ele descartou os dogmas da Corte da Noite. — Sabes cantar, segundo me foi dito, e tocas razoavelmente harpa; a Cortesã-Mor diz que tens ouvido para a poesia. Contratarei um tutor para continuar o teu ensinamento nessas artes, até teres idade e poderes decidir por ti própria se desejas servir a Naamah. Mas há outros assuntos de maior importância.

Eu sentei-me direita na otomana. — As artes de salão são da maior importância, meu senhor!

— Não. — Os seus olhos cinza reluziram. — Têm valor, Phèdre, e é tudo. Mas o que te ensinarei, agradar-te-á, julgo eu. Aprenderás a olhar, a ver, e a pensar, e há mérito em tais lições já que durarão toda uma vida.

— Ensinar-me-eis aquilo que já sei — disse eu, amuada.

— Ensinarei deveras? — Delaunay reclinou-se de volta na otomana e meteu uma uva na boca. — Diz-me lá, então, como era o coche em que viajámos hoje para aqui, Phèdre. Descreve-mo.

— Era um coche preto. — Olhei-o furibunda. — Uma quadriga, com baios emparelhados. Com veludo vermelho nos assentos, galão dourado nas cortinas, e faixas de cetim nas paredes.

— Muito bem. — Ele olhou de relance para Alcuin. — E tu...?

O rapaz sentou-se de pernas cruzadas sobre a otomana. — Era um coche de aluguer — disse ele prontamente — pois não tinha qualquer insígnia na porta, e o cocheiro trajava vestimentas simples e sem libré. Uma estalagem próspera, muito provavelmente, pois os cavalos estavam bem alimentados e emparelhados; também não espumavam da boca, pelo que muito provavelmente os alugastes aqui na Cidade. O cocheiro tinha entre dezoito e vinte e dois anos, e criado no campo a julgar pelo chapéu, mas há tempo bastante na Cidade para não necessitar de direcções nem morder a moeda quando pago por um fidalgo. Não transportava mais passageiros, e partiu logo de seguida, pelo que diria que fostes a sua única corrida de hoje, meu senhor. Se eu desejasse saber a vossa identidade e os vossos negócios, meu senhor, penso que não seria muito difícil encontrar o cocheiro desta quadriga e fazer perguntas.

Os seus olhos escuros dançaram com o prazer de ter respondido bem; não havia qualquer malícia nisso. Delaunay sorriu para ele. — E melhor ainda — disse, olhando então para mim. — Vês?

Eu resmunguei qualquer coisa; não recordo o quê.

— É esta prática que te pedirei, Phèdre — disse ele, a voz mais severa. — Aprenderás a olhar, a ver, e a pensar no que vês. Perguntaste-me na Folia se eu te havia reconhecido pelos olhos, e eu disse que não. Não precisei ver o cisco no teu olho para saber que eras alguém atingido pelo Dardo de Kushiel. Estava em cada linha do teu corpo, enquanto seguias de olhar deslumbrado as dominadoras da Casa Mandrágora. É para glória de Elua e dos seus Companheiros, em cujas veias corre o teu sangue; já em criança, carregas a sua marca. Com o tempo, poderás tornar-te isso, se assim escolheres. Mas entende, meu doce, que isto é somente um início. Agora, compreendes?

O seu rosto adquiria uma beleza particular quando ele fazia aquela expressão, severa e séria, como os retratos de antigos fidalgos provinciais cujas linhagens remontavam directamente a algum dos Companheiros de Elua numa linha ininterrupta. — Sim, meu senhor — disse eu, adorando-o por isso. Se Anafiel Delaunay desejasse que me deitasse em bordéis, como Naamah, eu fá-lo-ia, estava certa... e se a vontade dele era que eu fosse mais do que um instrumento para violinistas mandragorianos, eu aprenderia a sê-lo. Pensei naquelas suas palavras para mim na Noite Mais Longa, e uma ligação formou-se na minha mente, tão naturalmente como um bebé de peito encontra a teta. — Meu senhor — perguntei-lhe —, apostastes no Umbral da Noite que Baudoin de Trevalion desempenharia o papel de Príncipe Sol?

Uma vez mais fui recompensada com a sua risada inesperada, mais longa desta vez, incontida. Alcuin abriu-se num sorriso e abraçou os joelhos com júbilo. Por fim, Delaunay dominou a sua folgança, tirando um lenço do bolso e limpando os olhos. — Ah, Phèdre — suspirou. — Miriam estava certa. Devia ter pedido mais.

SETE



Assim começaram os anos do meu longo aprendizado com Anafiel Delaunay, no qual comecei a aprender a olhar, ver e pensar. E não vá alguém supor que o meu tempo era tomado com nada mais custoso que observar e prestar atenção ao que me rodeava, posso assegurar-vos, isto era o menos, se não o menos importante.

Tal como Delaunay havia indicado, estudava línguas; Caerdicci, até poder falá-la em sonhos, e Cruithne (para a qual não via necessidade) e Skáldico, trazendo-me à memória o membro tribal que há muito tempo se nomeara a si próprio meu guardião na Estrada do Mercador. Alcuin, como se veio a revelar, falava Skáldico com uma destreza há muito nele gravada, já que fora a sua linguagem de leite, falada para ele no berço por uma ama-de-leite skaldi. Na verdade, fora ela que o salvara de uma emboscada do seu próprio povo e o entregara aos cuidados de Delaunay, mas isto soube eu mais tarde.

Para além de línguas, fez-nos estudar história, até me doer a cabeça. Percorremos a civilização desde os tempos áureos de Hellas⁷ até à ascensão de Tiberium, e seguimos a sua queda, empresa levada a duas mãos por demandantes gémeos. Os seguidores de Yeshua mantinham que a sua vinda era uma profecia, que Tiberium deveria cair e eles deveriam recuperar o trono do Deus Um; os historiadores, disse-nos Delaunay

⁷ Antigo nome da Grécia. (N. da T.)

cautamente, mantinham que a debandada dos fazendários yeshuítas da cidade de Tiberium tivera mais que ver com isso. Cofres exauridos, sustinha ele, é que por fim haviam levado à divisão do grande império de Tiberium numa república dispersa de nações-estados que compreende a Caerdicca Unitas.

O segundo golpe, não menos audaz, foi infligido contra os outrora poderosos exércitos de Tiberium na ilha verde de Alba, quando ascendeu entre as facções guerreiras um rei tribal chamado Cinhil ap Domnall, conhecido como Cinhil Ru, que logrou fazer um tratado com os Dalriada⁸ de Eire e unir as tribos contra os exércitos do Imperador. Assim ficou a ilha de uma vez por todas sob a governação dos Cruithne, a quem os eruditos chamam Picti. São uma gente selvagem, meio-civilizada, e eu não via necessidade de aprender a sua linguagem.

Uma vez empurrados os soldados de Tiberium para fora de Alba, começaram a retirar e jamais pararam, empurrados para fora das hinterlândias skáldicas pelos raivosos e — clamavam as lendas — pelos espíritos do corvo e do lobo.

Através desta tapeçaria manchada de sangue corria a história de Terre d'Ange, brilhante como um fio de ouro. Terra pacífica contente de dar frutos e flores sob o Sol abençoado, nós não tínhamos história, disse Delaunay, antes da chegada de Elua. Abrimos alas graciosamente perante os exércitos de Tiberium, que comeram as nossas uvas e azeitonas, casaram com as nossas mulheres e defenderam as nossas fronteiras contra os Skaldi. Levámos a cabo os nossos pequenos rituais inalterados, e mantivemos a nossa linguagem e as nossas cantigas, imutáveis. Quando os exércitos de Tiberium retiraram como uma vaga através das nossas terras, ao vazio em suspenso acorreram os passos errantes de Elua, e a terra acolheu-o como a um noivo no altar.

Assim nasceu Terre d'Ange, e assim adquirimos nós história e orgulho. Nas três vintenas de Anos de Elua, os Companheiros dispersaram-se, apondo o seu numinoso selo na terra e no seu povo. O próprio Abençoado Elua não clamou qualquer quinhão, mas deleitou-se em vagar à vontade, um noivo errante apaixonado por tudo o que via. Quando tardava, era na Cidade, razão pela qual ela é a rainha de todas as cidades, e bem-amada na nação; mas ele raramente tardava.

⁸ Reino da tribo dos Escotos do norte da Irlanda e costa ocidental da Escócia, cujo último rei, Kenneth MacAlpin, conseguiu uma união com o dos vizinhos Pictos, originando o reino a partir de então conhecido como Alba ou Escócia. (N. da T.)

Tudo isto sabia eu, e contudo era outra coisa, sabê-lo de Delaunay: não meros contos, mas história. Pois isto também eu aprendi, que o conto de um contador de estórias pode findar, mas a história continua sempre. Estes acontecimentos, tão distantes na lenda, têm um papel na formação dos próprios acontecimentos que testemunhamos à nossa volta, a cada dia que passa. Quando isto eu entendesse, dizia Delauney, porventura começaria a entender.

O que eu devia entender, ao que parece, era tudo. Somente quando comecei a estudar o dédalo labiríntico da política da corte é que verdadeiramente desesperei da minha vida protegida na Corte da Noite. Alcuin andava a aprender estas coisas há mais de dois anos, e podia recitar sem esforço a linhagem de cada um dos sete ducados soberanos, da família real e da sua miríade de teias, os deveres do Chanceler do Erário, os limites dos poderes judiciários, até as leis suplementares da Guilda do Comércio de Especiarias.

Por isto, assim como por tanta coisa mais, desprezava-o; e contudo admito livremente que o amava, também. Era impossível não se amar Alcuin, que amava quase o mundo inteiro. Por improvável que parecesse para alguém criado na Corte da Noite, ele não tinha ideia da sua assombrosa beleza, que apenas aumentava à medida que ficava mais velho. Tinha uma mente viva e uma memória prodigiosa, que eu invejava, e contudo ele não tomava orgulho nisso salvo o orgulho de agradar a Delaunay.

Quando Delaunay recebia, que nesses tempos era coisa frequente, era Alcuin que servia os seus convidados. Em contraste com as orgias e delícias encenadas pela Casa Cereus, estas eram coisas civilizadas e eruditas. Do que Delaunay mais gostava era de convidar um pequeno número de amigos, que se reclinavam em otomanas à hellena no pátio interior, degustando uma refeição elegante e prolongando a noite em amena conversa.

Alcuin mantinha-se presente para servir vinho ou cordial nestas coisas, e conquanto eu desdenhasse a sua falta de sofisticação, não podia negar que ele era uma visão encantadora, todo ele graça cândida e avidez gentil, as sombras das trepadeiras lançando traços de verde sobre o seu cabelo branco de luar. Quando Alcuin apresentava o jarro de vinho com o seu sorriso grave, o mais certo era os convidados sorrirem de volta e erguerem os copos, quisessem-nos enchidos de novo ou não, meramente para verem o prazer de servir iluminar os seus olhos escuros.

Este, é claro, era o intento de Delaunay, e não duvido que muitas línguas se soltassem naquele pátio por virtude do sorriso de Alcuin. Ja-

mais conheci mente mais subtil do que a de Anafiel Delaunay. Contudo, para aqueles que citam tais coisas como prova de que ele nos usou sem consideração, digo eu: é mentira. Seguramente, nós amávamo-lo, nós os dois às nossas diferentes maneiras, e não tenho dúvida na minha mente de que Delaunay nos amava por sua vez. Viria a ter prova bastante disso antes que as coisas estivessem acabadas, por pior que a acolhesse na altura.

Quanto aos convidados, variavam, e com tal profusão que mal parecia possível que um homem pudesse ter tantos conhecimentos vindos de quadrantes tão remotos da nação. Ele escolhia os seus convidados com grande cuidado, e jamais vi mistura que azedasse, a não ser que fosse vontade sua. Delaunay conhecia oficiais da corte e judiciários, fidalgos e fidalgas, expedidores e comerciantes, poetas e pintores e prestamistas. Conhecia cantores e guerreiros e ourives, criadores dos mais puros cavalos, eruditos e historiadores, mercadores de seda e chapeleiros. Conhecia descendentes do Abençoado Elua e dos seus Companheiros, e membros de todas as Grandes Casas.

Fiquei a saber que Gaspar Trealion, Comte de Fourcay e parente de Marc, Duc de Trealion, era seu grande amigo. Homem esperto, cínico, com fios cinza nas têmporas, Gaspar era adepto de farejar os ventos políticos para ver que de lado sopravam. Fora ele, sem dúvida, que contara a Delaunay como a Princesa Lyonette sussurrara ao ouvido de seu filho Baudoin sobre um Rei enfermo e um trono vazio, e sobre o augúrio que as pessoas poderiam retirar do casamento simbólico na Folia do Solstício de Inverno.

Tais coisas rodeavam-me e eram parte da minha vida do dia-a-dia, pois aquilo que não observava, ficava a saber mais tarde quando Delaunay obtinha a récita de Alcuin dos acontecimentos da noite. Era sempre escrupuloso em incluir-me nestas sessões, de forma que eu pudesse aumentar os conhecimentos que já abarrotavam o meu crânio dolorido. Durante muito tempo, resenti-me de que ele favorecesse Alcuin, quando eu era mais bem instruída para servir; mas, ainda assim, escutava.

Entendi, mais tarde, porque é que ele me manteve resguardada durante esses primeiros longos anos. Aqueles que Delaunay escolheria para sua patronagem seriam escolhidos com cuidado. Faziam parte da elite e suspeitavam do estado da nação, demasiado enredados em dinheiro e poder para facilmente serem atraídos a deixar escapar segredos de alcova. Com Alcuin, Delaunay foi sábio bastante para pôr as rodas do desejo em movimento muito antes de chegado o dia. Houve fidalgos que anelaram anos, vendo-o fazer-se com uma lentidão tantalizante de

uma bela criança num mancebo de cortar a respiração. Quando eles deixassem escapar os seus segredos, haveria anos de opressão por trás da força que rebentaria a represa.

Comigo, era diferente. O desejo que eu trazia à tona — traria à tona — era de fogo mais ardente, e de rastilho mais curto. Delaunay, grande conhecedor da natureza humana, sabia-o, e na sua sabedoria escolheu manter-me um segredo guardado dos seus convidados. Espalhou-se palavra, como era inevitável, de que ele tomara uma segunda pupila; quando os seus convidados o pressionavam para revelar a minha natureza, ele sorria e era evasivo. Assim se espalhou a minha reputação, à medida que eu avançava penosamente para a adolescência, imersa nos labores da tinta e do pergaminho.

Havia uma exceção: Melisande.

O génio requer audiência. A despeito de toda a sua astúcia, Delaunay era um artista e tão vulnerável como os da sua espécie ao desejo de alardear o seu esplendor. E havia poucas, muito poucas pessoas capazes de apreciar a sua arte. Eu não sabia, então, até que ponto era profundo o jogo que ambos jogavam um com o outro, nem que parte nele teria eu. Tudo o que sabia é que ela era a audiência por ele escolhida.

Estava há três anos e meio em sua casa, e há um tempo que andava a fazer exercícios com um mestre acrobata que Delaunay descobrira sabe Elua onde. Ele acreditava, Delaunay, numa abordagem equilibrada ao moldar da natureza de cada um, e assim éramos eu e Alcuin sujeitos a uma série infundável de exercícios físicos para assegurar que as nossas mentes bem oleadas estivessem instaladas em corpos vigorosos.

Acabara nesse momento a minha lição diária, na qual aprendera a executar um salto mortal de pé, e estava a limpar o suor com uma toalha quando Delaunay entrou no ginásio com ela. O mestre acrobata arrumava as suas coisas, e, vendo-a, desculpou-se numa retirada apressada, que Delaunay ignorou.

Descrever Melisande Shahrizai é, como dizem os poetas, pintar um trinado de rouxinol; é coisa que não pode ser feita. Ela tinha vinte anos de idade mais três nessa altura, embora o tempo jamais parecesse tocá-la, passasse como passasse. Se disser que a sua pele era como alabastro, o seu cabelo de um negro tão verdadeiro que brilhava de azul onde a luz incidia e os olhos de uma safira que as pedras preciosas poderiam invejar, não digo mais que a verdade; mas ela era uma d'Angeline, e isso por si só é indício de beleza.

— Melisande — disse Delaunay, com orgulho e divertimento na voz. — Esta é a Phèdre.

Sendo eu uma d'Angeline e nascida na Corte da Noite, podeis estar certos, não sou facilmente deslumbrada pela beleza; mas eu sou o que sou, e há outras coisas que me deslumbram. Os Shahrizai são uma antiga casa de cortesãos, e muitos, pouco sabendo da nomenclatura de Terre d'Ange, julgam-nos da linhagem dos Shemhazai. Não é assim. Os atributos dos nomes entre os descendentes dos Companheiros de Elua estão de tal maneira entretecidos que somente um erudito d'Angeline pode abarcá-los.

Eu, que havia estudado tais coisas, não tinha necessidade da história para me dizer a linhagem da Casa Shahrizai. Quando ergui delicadamente os olhos de relance ao encontro dos olhos azuis de Melisande Shahrizai, o olhar dela perfurou-me qual espada, os meus joelhos fizeram-se em água, e eu soube que ela era uma herdeira de Kushiel.

— Que encantadora. — Ela atravessou o ginásio com graça descuidada, recolhendo a cauda do vestido num braço. Uns dedos frios afagaram-me a face, as unhas lacadas passando-me ao de leve sobre a pele. Estremeci. Com um sorriso débil, ela levantou-me o queixo, forçando-me a olhá-la no rosto. — Anafiel — disse num tom ligeiro, divertida, voltando-se para ele —, descobristes uma genuína *anguisette*.

Ele riu-se, vindo juntar-se a nós. — Achei que iríeis aprovar.

— Mmm. — Ela largou-me, e eu quase caí ao chão. — Tenho-me interrogado sobre o que esconderíeis vós, seu mágico. Sei de quem tenha apostado uma quantia considerável de dinheiro em especulação.

Delaunay apontou-lhe um dedo, agitando-se para trás e para diante. — Fizemos um acordo, Melisande. Quereis que o Primo Ogier saiba porque é que o filho cancelou o casamento no último momento?

— Estava... só a pensar alto, doce homem. — Ela deu-lhe tratamento igual, uma carícia arrastada pela face abaixo. Delaunay meramente sorriu. — Deveis pensar em mim quando decidirdes que é tempo de ela servir a Naamah, Anafiel. Virou-se de novo para mim, sorrindo docemente. — Desejas deveras servir a Naamah, não desejas, criança?

O seu sorriso fez-me tremer, e, por fim, percebi o que fora que Delaunay quisera dizer. A memória do castigador da Cortesã-Mor e dos adeptos da Casa Mandrágora empalidecia ao lado da requintada crueldade gravada naquele sorriso. Gostaria de dizer que pressenti, então, o longo corredor da história estendendo-se diante de nós, o papel que eu iria desempenhar, e os limites terríveis a que ele me iria levar, mas seria mentira. Nada disso pensei. Nada pensei. Em vez disso, esqueci as minhas maneiras, a minha longa instrução na Corte da Noite, e espojei-me no seu olhar azul. — Sim — sussurrei em resposta. — Minha senhora.

— Bom. — Ela voltou-se de novo, dispensando-me, tomando a mão de Delaunay e conduzindo-o na direcção da porta. — Há um pequeno assunto que desejo discutir convosco...

Assim foi a minha apresentação a Melisande Shahrizai, que tinha uma mente tão subtil quão subtil era a de Delaunay, e um coração de longe mais frio.

Oito



— **E**aqui — disse Delaunay, apontando —, é o baluarte do Comte Michel de Ferraut, que comanda seis centos de homens e defende a fronteira na Garganta da Longa Vista.

História, política, geografia... as lições não tinham fim.

De acordo com a Diáspora dos Companheiros, o território de Terre d'Ange está dividido em sete províncias e o Rei — ou, a seu tempo, a Rainha — governa a partir da Cidade em reverente memória do Abençoado Elua.

A gentil Eisheth foi para as terras costeiras do sul, pouso de sonhadores e marinheiros, curandeiros e mercadores, assim como dos milhares de aves e cavalos selvagens dos pântanos salgados. A sua província chama-se Eisande, e é a mais pequena das sete. Há tsingani que ali habitam, e vivem sem ser molestados.

Também para o sul foi Shemhazai, para poente das fronteiras montanhosas da Aragónia, com a qual se mantém ainda a nossa já longa paz. Siovale é o nome desta província, e é uma província próspera com uma grande tradição de erudição, pois Shemhazai sempre teve em alta estima o conhecimento.

No interior para norte de Siovale fica L'Agance, a província rica em uvas de Anael, que por vezes é chamado de Estrela do Amor. A seu lado, ao longo da costa rochosa, fica a província de Kusheth, onde Kushiel fez

a sua casa, até lá acima à Pointe d'Oeste. É uma terra inóspita, tal como o que lhe deu o nome.

Mais longe para norte fica Azzalle, bem junto à costa, cerca o bastante em determinado ponto para se avistarem os penhascos brancos de Alba. Não fosse o facto de o Senhor do Estreito controlar as águas que nos separam, deveras, poderia haver o perigo de uma poderosa aliança entre Azzalle e Alba. Disto tomei eu nota, pois Trevalion é o ducado que governa Azzalle, e o meu coração ainda bate mais depressa ao lembrar-me do beijo de Baudoin de Trevalion.

Por baixo da província de Azzalle está Namarre, onde se radicou Naamah, e que é lugar de muitos rios, muito belos e pródigos. Existe um santuário onde o Rio Naamah se eleva de dentro da terra, e todos os seus servos ali fazem uma peregrinação uma vez nas suas vidas.

Para levante, junto aos territórios skáldicos, fica a longa e estreita província de Camlach, onde o marcial Camael fez a sua casa e fundou os primeiros exércitos dessas bravas e ferozes tropas d'Angelines que há tanto tempo defendem a nação da invasão.

Esta, aprendi eu de Delaunay, é a natureza da minha terra natal e a divisão de poderes dentro dela. Lentamente acabei por compreender estas divisões, e as implicações de poder que cada província detinha como seu; cada uma reflectindo de certo modo a natureza do seu angélico fundador. Somente Cassiel entre os Companheiros de Elua não tomou província para si, mas permaneceu fiel ao lado do seu senhor errante. Apenas deixou uma coisa com o seu nome na terra; a Irmandade Cassiline, uma ordem de sacerdotes que juram fidelidade aos Preceitos de Cassiel. É um serviço tão rigoroso como o de Naamah, e de longe mais severo, razão porventura pela qual já não é popular. Somente os mais antigos dos fidalgos provinciais mantêm a tradição, passada dentro da família de geração em geração, de conceder um filho não varão à Irmandade Cassiline. Tal como nós, tornam-se filhos de criação com a idade de dez anos, mas é uma vida dura e ascética de prática de armas, celibato e renúncia.

— Vês, Phèdre, porque é que Camlach sempre foi da maior importância estratégica. — O dedo de Delaunay delineou a sua fronteira num mapa. Eu levantei o olhar para os seus olhos interrogadores e suspirei.

— Sim, meu senhor.

— Bom. — O seu dedo moveu-se de volta para cima, suspenso. Ele tinha umas belas mãos, com dedos longos e afilados. — Aqui, vês, foi onde se deu a batalha. — Indicou uma mancha densa de terreno montanhoso. — Reparaste no que o mercador de ferro dizia ontem à noite?

Os Skaldi têm estado a ameaçar as gargantas de novo, como não faziam desde a Batalha dos Três Príncipes.

Havia uma nota de desgosto na sua voz. — Quando o Príncipe Rolande foi morto — disse eu, recordada. — O Delfim era um dos Três Príncipes.

— Sim. — Delaunay empurrou bruscamente o mapa. — E os outros dois?

— O irmão do Rei, Benedicte, e... — lutei para me recordar.

— Percy de L'Agance, Comte de Somerville, primo germano do Príncipe Rolande — acorreu a suave voz de Alcuin. Afastou o cabelo branco dos olhos e sorriu. — Parente por lado da mãe da Rainha Genevieve, que o fez Príncipe de Sangue de acordo com a lei matrimonial, embora ele raramente clame o título.

Eu lancei-lhe um olhar irado. — Eu sabia.

Ele encolheu os ombros e esboçou o seu sorriso irresistível.

— Fazei as pazes. — Não havia zombaria no tom de voz de Delaunay e o seu olhar era sombrio. — Pagámos caro por essa vitória, que custou a vida a Rolande de la Courcel. Ele nasceu para governar, e haveria detido o trono com fortaleza e graça após o passamento de seu pai, e ninguém teria ousado pegar em armas contra ele. Pagámos a segurança das nossas fronteiras com instabilidade na própria Cidade, e agora os nossos ganhos jazem ameaçados.

Afastando-se da mesa, levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro da livraria, detendo-se por fim a olhar silenciosamente por uma janela para as ruas lá em baixo. Alcuin e eu trocámos olhares mudos. Delaunay era de muitas formas o mais gentil dos mestres, admoestando-nos com nada mais duro que uma palavra mais severa, e isso somente quando éramos verdadeiramente merecedores. Mas havia uma escuridão nele que somente por vezes vinha à tona, e nós que vigiávamos os seus estados de humor mais de cerca do que um agricultor vigia o tempo sabíamos muito bem não acordá-la.

— Estivestes lá, meu senhor? — aventurei-me por fim.

Ele respondeu sem se voltar, e a sua voz era inexpressiva. — Se lhe houvesse podido salvar a vida, tê-lo-ia feito. Não devíamos estar montados, foi esse o problema. O terreno era demasiado acidentado. Mas Rolande sempre foi precipitado. Era a sua única falha, como comandante. Quando comandou a terceira carga, foi longe de mais; o cavalo do seu porta-estandarte tropeçou e caiu, e nós ficámos retidos para trás de volta dele. Não muito tempo... mas tempo bastante para os Skaldi lhe cortarem o caminho. — Voltou-se para nós com aquele mesmo olhar

sombrio. — De tais pequenas coisas, impérios podem ficar suspensos. Por falta de uma montada firme, metade dos descendentes de Elua têm os olhos postos em tornarem-se Príncipe Consorte e clamar o trono através do casamento; e Príncipes de Sangue como Baudoin de Trevalion maquinam tomá-lo à força de aclamação. Recordem-no, meus queridos, e quando engendrarem planos, façam-no bem e ao detalhe.

— Pensais que o Príncipe Baudoin quer o trono? — perguntei eu, sobressaltada; após mais de três anos, ainda dava comigo lutando para abarcar a forma destes padrões que Delaunay estudava. Alcuin não pareceu admirado.

— Não. Não exactamente. — Delaunay esboçou um sorriso retorcido. — Mas ele é sobrinho do Rei, e julgo que a sua mãe, que por bom motivo é chamada Leoa de Azzalle, lhe prazeria ver o filho nele sentado.

— Ahhh. — Pestanejei, e por fim este padrão — as atitudes de Baudoin, a presença de Delaunay na Folia do Solstício de Inverno — tornou-se claro para mim. — Meu senhor, que tem isso que ver com as investidas skáldicas na fronteira oriental?

— Quem sabe? — Ele encolheu os ombros. — Nada, porventura. Mas não há forma de dizer como os acontecimentos em um lugar poderão afectar o que acontece em outro, pois a tapeçaria da história é tecida de muitos fios. Precisamos estudar ao detalhe a sua urdidura e trama para predizer o padrão que assoma.

— Irão os Skaldi invadir-nos? — perguntou suavemente Alcuin, um remoto vislumbre de medo nos seus olhos escuros. Delaunay sorriu bondosamente e afagou-lhe o cabelo.

— Não — disse com certeza. — Eles estão tão organizados como as tribos de Alba antes de Cinhil Ru, e Senhores como o Comte de Ferraut e o Duc Maslin d'Aiglemort têm as gargantas bem defendidas. Edificaram a sua fortaleza desde a Batalha dos Três Príncipes, para que tal coisa jamais ocorra de novo. Mas é algo a que prestar atenção, meus queridos, e sabeis o que dizemos quanto a isso.

— Nunca se sabe de mais. — Sabia-o de cor; se Delaunay tinha um moto, era seguramente esse.

— Deveras. — Ele dirigiu o seu sorriso para mim, e o meu coração deu um pulo face à sua aprovação. — Ide distrair-vos, já merecem um descanso — acrescentou, dispensando-nos.

Fomo-nos, obedientes às suas palavras, embora relutantes, sempre, por nos ser negada a sua presença. Para aqueles que nunca o conheceram, posso dizer somente que havia um encanto em Delaunay que compelia os afectos de todos os que o rodeavam; para o bem e para

o mal, devo acrescentar, pois conheci mais tarde quem o desprezasse. Mas aqueles que o odiavam eram da espécie que inveja a excelência nos outros. Fizesse o que fizesse, Anafiel Delaunay fazia-o com uma graça que escapa à maioria das pessoas neste mundo. Um alcoviteiro, chamavam-lhe os seus detractores, e, mais tarde, Aproveitador de Espiões, mas eu conhecia-o melhor que a maioria, e jamais se conduziu ele com menos que perfeita nobreza.

Que era em parte o que fazia dele um tal mistério.

— Não é o seu verdadeiro nome — informou-me Hyacinthe.

— Como sabes?

Ele lançou-me o seu sorriso branco, vívido na obscuridade. — Fiz umas perguntas. — Bateu no peito magro. — Queria saber do homem que te arrebatou de mim!

— Eu voltei — disse eu brandamente.

Delaunay, para meu grande aborrecimento, ficara divertido. A minha primeira escapadela havia sido planeada com grande antecipação, posta em prática quando ele estava fora na corte, saindo por uma janela do segundo piso disfarçada com trajes de rapaz furtados do guarda-fato de Alcuin. Havia estudado um mapa da Cidade e feito o percurso a pé, só e sem ajuda, todo o caminho até ao Umbral da Noite.

Fora uma tremenda reunião. Roubámos tartes do vendedor de bolos na praça do mercado, em nome dos velhos tempos, correndo até à Travessia de Tertius para nos agacharmos debaixo da ponte a comê-las, ainda quentes, com o sumo escorrendo-nos pelo queixo abaixo. De seguida, Hyacinthe levou-me a uma estalagem onde era conhecido dos actores itinerantes que aí se alojavam, pavoneando-se e fazendo-se importante por saber mexericos que este ou aquele pagaria para ouvir. Os actores são conhecidos pelas suas intrigas, piores ainda do que os adeptos da Corte da Noite.

Esfuziante de comoção pela minha aventura e por um leve pavor antecipatório das suas repercussões, mal reparei quando um rapaz dos seus oito ou nove anos abriu caminho através da multidão para sussurrar ao ouvido de Hyacinthe. Pela primeira vez, vi o meu amigo franzir o cenho.

— Ele diz que um homem de libré o enviou — disse-me Hyacinthe.

— Castanha e dourada, com um feixe de trigo no brasão?

— Delaunay! — Sustive o fôlego. O peito contraiu-se-me de medo.

— Essas são as cores dele.

Hyacinthe pareceu irritado. — Bem, o homem dele está lá fora, com um coche. Disse que mandássemos Ardile quando estivesse pronta para ir.

O rapaz assentiu vigorosamente com a cabeça; e assim fiquei a saber que Hyacinthe começara a criar a sua pequena rede de mensageiros e moços de recados no Umbral da Noite, e que Anafiel Delaunay não só sabia que eu havia saído e para onde, como quem era Hyacinthe e o que fazia ele.

Delaunay jamais parava de me surpreender.

Quando retornei, ele estava à espera.

— Não vou castigar-te — disse sem preâmbulos. Não sei que expressão tinha eu, mas pareceu diverti-lo. Apontou para uma cadeira diante dele. — Chega aqui, Phèdre. Senta-te. — Assim que o fiz, ele levantou-se, pondo-se a andar de um lado para o outro. A luz do candeeiro reluzia no seu cabelo ruivo, preso na trança lustrosa que lhe realçava as linhas nobres do rosto. — Julgavas que eu não sabia do teu pendor para fugires? — perguntou, detendo-se à minha frente. Eu abanei a cabeça. — Saber coisas é comigo, e isso mais que certo inclui coisas que digam respeito a membros da minha casa. O que a Cortesã-Mor preferiu ocultar, minha querida, não aconteceu com os membros da sua Guarda.

— Lamento, meu senhor! — gritei, tomada de culpa. Ele olhou-me de relance, divertido, e tornou a sentar-se.

— Somente na medida em que te apraz lamentar, minha querida, o que, pese embora a considerável profusão de lamentos, somente ocorrem após o facto, tornando-se assim uma dissuasão singularmente ineficaz, sim?

Confusa, assenti com a cabeça.

Delaunay suspirou e cruzou as pernas, fazendo uma expressão séria. — Phèdre, não tenho objecções contra o teu ambicioso jovem amigo. Com efeito, podes até aprender coisas nesse bairro que não escutarias noutro lado. E — um tremeluzir de divertimento de novo —, até um certo ponto, não tenho objecções ao teu pendor para fugires e — inclinando-se para a frente para agarrar na manga da túnica de Alcuin que eu trazia vestida — te disfarçares. Mas há perigos para uma criança desacompanhada na Cidade aos quais não posso ver-te exposta. De ora em diante, se desejares, no teu tempo livre, visitar o teu amigo, darás parte a Guy.

Estava à espera de mais. — É tudo?

— É tudo.

Considerarei aquilo. Homem de poucas e mansas palavras, Guy servia Delaunay com devotada lealdade e eficácia numa variedade de coisas inominadas. — Ele seguir-me-á — disse eu finalmente. — Ou mandar-me-á seguir.

Delaunay sorriu. — Muito bem. És livre de tentar detectá-lo ou esquivares-te a ele, com a minha bênção; se lograres fazê-lo, Phèdre, não terei necessidade de me inquietar de que andes só. Mas dar-lhe-ás parte se saíres desta casa, seja por que razão for.

A sua complacência era de enlouquecer. — E se não o fizer? — perguntei, desafiando-o com um atirar de cabeça.

A mudança que se deu no seu rosto assustou-me; deixou-me verdadeiramente apavorada, sem um só tremor de excitação. Os seus olhos puseram-se frios, e as linhas do seu rosto duras.

— Eu não sou da linhagem de Kushiel, Phèdre. Não jogo jogos de desafio e punição, e, porque me preocupo contigo, não permitirei que te ponhas em perigo por um capricho infantil. Não exijo obediência inquestionável, mas exijo obediência ainda assim. Se não podes dá-la, venderei a tua marca.

Com aquilo a soar-me nos ouvidos, podeis estar certos de que prestei atenção. Vi os seus olhos; não tive dúvidas de que ele falava verdade. O que significava, é claro, que enquanto eu estivesse sentada com Hyacinthe na cozinha de sua mãe, algures por ali, quieto e eficiente, Guy estaria à espreita.

— Qual é, então? — perguntei agora a Hyacinthe. — Quem é ele realmente?

Ele abanou a cabeça, os caracóis negros balanceando. — Isso, não sei. Mas uma coisa sei eu. — Abriu-se num sorriso, deixando-me fisgada. — Sei porque foi a sua poesia banida.

— Porquê? — Estava impaciente por saber. No canto em que resmungava sobre o fogão, a mãe de Hyacinthe voltou-se e olhou-nos, desconfortável.

— Sabes como morreu a primeira noiva do Príncipe Rolande? — perguntou ele.

Acontecera antes de nós nascermos, mas graças aos ensinamentos incessantes de Delaunay, eu era bem versada na história da família real. — Partiu o pescoço numa queda — disse eu. — Num acidente de caça.

— Assim o dizem — disse ele. — Mas depois de Rolande desposar Isabel L'Envers, uma trova começou a soar nos bordéis e tavernas sobre uma dama da nobreza que seduziu um moço de estrebaria e lhe rogou que cortasse a cilha da sela da sua rival no dia em que fosse caçar com o seu amado.

— Foi *Delaunay* que escreveu isso? Porquê?

Hyacinthe encolheu os ombros. — Quem sabe? Isto foi o que eu

ouvi. Os homens de armas da Princesa Consorte apanharam o trovador que andava a espalhar a trova. Quando ela o mandou interrogar, ele nomeou Delaunay como sendo o autor da letra. O trovador foi banido para Eisande, e diz-se que morreu misteriosamente pelo caminho. Ela mandou trazer Delaunay para ser interrogado, mas ele recusou-se a confessar a autoria. De modo que não foi banido, mas, para aplacar a nora, El-Rei baniu a sua poesia e mandou que cada cópia existente da obra fosse destruída.

— Então ele é um inimigo da Coroa — maravilhei-me eu.

— Não. — Hyacinthe abanou a cabeça com certeza. — Se assim fosse, teria seguramente sido banido, com confissão ou não. A Princesa Consorte assim o queria, mas ele ainda é bem-vindo na corte. Alguém o protegeu nesta questão.

— Como soubeste isto?

— Oh, isso. — O seu sorriso brilhou de novo. — Há um certo poeta da corte que alimenta uma paixão desesperada pela esposa de um certo estalajadeiro, a quem se refere nas suas rimas como o Anjo do Umbral da Noite. Ela paga-me em moedas para lhe dizer que se vá e não a amofine mais, e ele paga-me em histórias para eu lhe narrar como parecia ela quando o disse. Saberei o que puder para ti, Phèdre.

— Sabê-lo-ás para teu desespero.

As palavras foram proferidas sombriamente e, julguei eu, para Hyacinthe; mas quando olhei, vi o braço de sua mãe estendido, apontando para mim. Um presságio horrendo brilhava nos seus sombrios olhos encovados, a beleza obscura e fanada do seu rosto emoldurada de ouro pendente.

— Não entendo — disse eu, confusa.

— Procuras desenredar o mistério do teu senhor. — Espetou para mim o dedo apontado. — Julgas que é por curiosidade, mas isto te digo: lastimarás o dia em que tudo se fizer claro. Não procures apressar a sua chegada.

Com isso, voltou-se de novo para o seu fogão, ignorando-nos. Olhei para Hyacinthe. A sua expressão perdera o ar travesso; ele respeitava muito pouca coisa, mas o dom da *dromonde* de sua mãe estava entre essas poucas. Quando ela lia a sina aos refugiados do Umbral da Noite, fazia menção de usar um antigo baralho de cartas a desfazer-se, mas eu sabia pelo que ele me havia dito que isso era somente para impressionar. A *dromonde* vinha quando era solicitada e por vezes quando o não era, a segunda visão que arredava os véus do tempo.

Considerámos o seu aviso em silêncio. As palavras de Delaunay
acorreram-me, espontaneamente, à mente.
— Nunca se sabe de mais — disse eu.

NOVE



Ao fim do meu quarto ano ao serviço de Anafiel Delaunay, atingira a idade.

Na Corte da Noite, teria sido iniciada nos mistérios de Naamah e começado a prática do meu aprendizado ao perfazer treze anos; Delaunay, para fúria minha, escolhera esperar. Julguei que morreria de impaciência antes que ele me fizesse a pergunta, embora assim não acontecesse.

— De uma criança fizeste-te numa jovem mulher, Phèdre — disse ele — Desça a bênção de Naamah sobre ti. — Tomou os meus ombros nas suas mãos e olhou-me gravemente. — Vou fazer-te agora uma pergunta, e, juro pelo Abençoado Elua, quero que lhe respondas livremente. Fa-lo-ás?

— Sim, meu senhor.

Os seus olhos salpicados de topázio buscaram os meus. — É tua vontade seres dedicada ao serviço de Naamah?

Tardei a dar uma resposta, feliz pela oportunidade de olhar com calma o seu rosto bem-amado, elegante e austero. As suas mãos nos meus ombros, ah!, quem me dera que ele me tocasse mais amiúde. — Sim, meu senhor — disse por fim, fazendo a minha voz soar firme e resoluta. Como se houvesse alguma dúvida! Mas, é claro, Delaunay tinha de atender ao seu sentido de honra. Porque o adorava, compreendia.

— Bom. — Ele apertou-me os ombros uma vez e soltou-me, sorrin-

do. Um as linhas ténues formavam-se-lhe aos cantos dos olhos. Como tudo o resto nele, eram belas. — Compraremos uma pomba, na praça do mercado, e levar-te-emos ao templo para seres dedicada.

Se me sentira desprovida de uma cerimónia pelo meu décimo aniversário, este dia compensou-o. Batendo palmas, Delaunay chamou a governanta e deu ordens para que fosse preparado um festim. Fomos dispensados de lições nesse dia, e Alcuin e eu fomos mandados vestir os nossos melhores trajes de festa.

— Estou feliz — sussurrou-me Alcuin, agarrando-me na mão e brindando-me com o seu sorriso secreto. Ele perfizera catorze anos mais cedo nesse ano e fora dedicado a Naamah; ainda uma criança pelos padrões de Delaunay, eu fora excluída dos ritos.

— Também eu — sussurrei de volta, inclinando-me para lhe beijar a face. Alcuin corou, a cor afluindo-lhe decorosamente à pele clara.

— Anda — disse ele, puxando-me. — Ele espera-nos.

Na praça do mercado, deambulámos por entre os vendedores do templo enquanto o coche aguardava pacientemente e Delaunay dava mostras de permitir pacientemente que eu escolhesse a pomba mais indicada para a minha oferenda. Eram muito parecidas, como são os pássaros, mas eu estudei-as cuidadosamente e escolhi por fim uma linda ave branca, com patas de coral e uns olhos negros bem espertos. Delaunay pagou ao vendedor, comprando a melhor gaiola; um encantador pagode com barras douradas. A pomba debateu-se um pouco enquanto o vendedor a transferia, as asas batendo contra as barras. Bom sinal, já que significava que era saudável.

Na Corte da Noite, a dedicação é levada a cabo no templo da Casa, mas, sob o patronato de um cidadão nobre, fomos ao Grande Templo. É um pequeno e encantador edifício de mármore branco, rodeado de jardins. As pombas empoleiravam-se nas árvores, sagradas e intocadas. Uma acólita veio ao nosso encontro nas portas abertas. Lançando um olhar a Delaunay, fez uma vénia. — Em nome de Naamah, sede bem-vindo, meu senhor. Como podemos servir-vos?

Eu estava ao lado dele, agarrando na pega da gaiola. Delaunay pôs-me a mão na cabeça.

— Ela está aqui para ser dedicada ao serviço de Naamah.

A acólita sorriu para mim. Era jovem, não mais que dezoito anos, com um ar primaveril; cabelo louro-fulvo da cor dos alperces e olhos verdes que se inclinavam para cima nos cantos como os de um gato. Jovem como era, trajava a diáfana sobrepeliz escarlate dos Sacerdotes de Naamah com uma desenvoltura nascida de longa familiaridade. Por

aqui, adivinharia eu, ela havia sido dedicada em criança, por parentes ou por uma mãe que não tinha meios para criá-la; pelo seu discurso, adivinharia que era nascida na Cidade.

— Muito bem — disse a acólita suavemente. — Sê bem-vinda, irmã. — Inclinando-se apenas ligeiramente — era pouco mais alta que eu —, beijou-me em saudação. Os seus lábios eram macios e cheirava a ervas aquecidas pelo Sol. Quando se virou para beijar Alcuin, eram da mesma altura. — Sê bem-vindo, irmão. — Recuando, acenou-nos que transpusessemos a porta. — Vinde e ficai em adoração. Eu trarei o sacerdote.

Lá dentro, o templo estava inundado de sol, adornado somente de flores e por um esplendor de velas. Havia um óculo no cimo da cúpula, aberto para o céu. Acercámo-nos do altar com a sua magnífica estátua de Naamah, que jazia em pé de braços abertos, dando as boas-vindas a todos os devotos. Pousei a gaiola, ajoelhei e olhei deslumbrada o seu rosto, que irradiava compaixão e desejo. Delaunay ajoelhou também, grave e respeitoso, enquanto a expressão de Alcuin era de enlevo.

Quando o sacerdote assomou, acompanhado por quatro acólitas — a nossa entre elas —, era alto e esbelto, formoso na sua idade, com umas linhas finas sulcando-lhe o rosto e o cabelo de prata preso numa longa trança. Indicou-nos que nos puséssemos de pé.

— É teu desejo seres dedicada ao serviço de Naamah? — perguntou-me, numa voz solene.

— É sim.

Fazendo-me sinal para que me adiantasse, arregaçou as mangas escarlates. Uma acólita sustinha uma bacia com água, e o sacerdote mergulhou um hissope na bacia e aspergiu-me com umas gotas: — Pelo sagrado rio de Naamah, baptizo-te ao seu serviço. — Tirando um bolo de mel sustido por outra, partiu-o e colocou-me uma porção na língua. — Possa a tua carne ser vinculada à doçura do desejo — disse ele. Eu mastiguei e engoli, saboreando o mel. A acólita dos olhos verdes estendeu-lhe um cálice, que ele me levou aos lábios. — Possa o teu sangue elevar-se à precipitação da paixão. — A última acólita ergueu uma medida de óleo, e o sacerdote mergulhou os dedos nele. Untando-me a fronte de crisma, susteve-me o olhar. — Possa a tua alma encontrar sempre graça no serviço de Naamah — entou suavemente.

Podia sentir as pontas dos seus dedos frias na minha pele sob o óleo, e o poder de que ele estava investido. O rosto de Naamah, transcendente e sensual, pairou turvamente diante dos meus olhos. Cerrei-os e senti o ar do templo perpassar em torno de mim, inundado de luz e

asas e magia celestial. Todas as histórias que eu tinha ouvido de Naamah, escutadas em todas as Treze Casas; todas elas eram verdadeiras, e nenhuma. Ela era tudo isso e mais.

— Assim seja — disse o sacerdote, e eu abri os olhos. Ele e as acólitas haviam recuado. Ele assentiu com a cabeça para mim. — Podes oferecer o teu serviço, minha filha.

Alcuin susteve-me a gaiola. Eu abri-a cuidadosamente e tomei a pomba em ambas as mãos, retirando-a. Mais branca que a neve, quase nada me pesava nas mãos, mas eu podia sentir a vida morna pulsando nela, o lesto e assustado bater do seu coração. As suas penas eram macias e, quando ela se agitou, receei que a gentil pressão das minhas mãos quebrasse os seus ossos frágeis. Virando-me de novo para o altar, ajoelhei uma vez mais e ergui a pomba ao alto para a estátua de Naamah.

— Abençoada Naamah, rogo-te que aceites o meu serviço — disse, sussurrando sem saber porquê. Abri as mãos.

Subitamente livre, a pomba lançou-se pelos ares, rémiges batendo ao Sol. Certa e sem se desviar, ela voou até ao ápice da cúpula, descrevendo um círculo, depois volteando numa agitação de penas brancas raiadas de sol para lá do óculo, voando livremente céus afora. O sacerdote seguiu-lhe o rasto com um sorriso.

— Bem-vinda — disse, curvando-se para me ajudar a levantar e dando-me o beijo da saudação. Os seus olhos, tranquilos de paz e com a sabedoria de mil amplexos, olharam bondosamente para mim. — Bem-vinda, Serva de Naamah.

Assim fui eu dedicada à vida para a qual nasci.

Na semana seguinte, teve início o aprendizado da minha prática.

Delaunay protelara iniciar Alcuin na prática propriamente dita de um Servo de Naamah, esperando de modo que pudéssemos começar juntos, tão próximos de idade. O nosso aprendizado, ao que parecia, ia ter início ao mesmo tempo.

— Providencie uma Apresentação — disse ele tranquilamente, tendo-nos mandado chamar à sua presença. — Não é próprio que estudeis os mistérios de Naamah sem uma. Edmonde Noualt, o Corte-são-Mor da Casa Camélia, honrou o meu pedido.

Era tão próprio de Delaunay, do seu tacto subtil, providenciar os serviços de uma Casa com a qual eu não tivesse laços, para evitar o evocar de memórias da minha infância na Corte da Noite. Não me dignei dizer-lhe que não me teria importado. Teria maculado a dádiva da sua amabilidade.

Conquanto haja uma miríade de variações de pares e prazeres, a Apresentação encenada para um Servo acabado de dedicar a Naamah é sempre o par tradicional; um homem, uma mulher. Guy conduziu-nos à Casa Camélia nessa noite. Fiquei admirada ao perceber que esta era ainda mais rigorosa que Cereus, embora não devesse; o cânone da Camélia é a perfeição, e a ele aderem ao mais estrito detalhe.

Fomos acolhidos à porta pela Segunda do Cortesão-Mor, uma mulher assombrosa, alta, com uma longa cascata de cabelo negro e pele da cor do marfim novo. Saudou-nos graciosamente, e se havia inveja ou curiosidade no modo como o seu olhar tardou na beleza improvável de Alcuin ou no inesperado cisco escarlata do meu olho, foi bem disfarçada.

— Vinde — disse ela, acenando-nos para que entrássemos. — Visto que foram dedicados ao serviço de Naamah, vinde ver os seus mistérios representados.

A Câmara de Apresentações era muito semelhante à da Casa Cereus, um palco afundado de três quartos de círculo polvilhado de almofadas e rodeado de fiadas de bancos com confortáveis coxins. Havia uma cortina de gaze corrida sobre o palco, alumiada do interior, e pude divisar por trás dela os cortinados pendentes de veludo, ocultando a entrada de cena.

É uma regra de todas as Treze Casas que qualquer Apresentação ritual seja aberta a todos os adeptos da Casa, de modo que não fiquei admirada quando outras pessoas entraram. Uma titilação privada é outra coisa, mas os ritos de Naamah estão abertos a todos os seus servos. Agi por hábito sem premeditação, ajoelhando-me nas almofadas na posição prescrita; *abeyante*, cabeça curvada, as mãos entrelaçadas diante de mim. Foi estranhamente reconfortante, embora sentisse Alcuin olhar-me de lado ao tentar imitar a minha pose.

Algures nos bastidores, um flautista começou a tocar.

No começo da segunda passagem musical, os cortinados pendentes de veludo roçagaram, e o Par entrou. Ele era alto e de cabelo negro, um verdadeiro gémeo — era de facto seu irmão — da Segunda da Casa Camélia. Ela era um tudo-nada mais baixa que ele, ainda mais pálida de pele, com cabelo qual carroça pejada de folhagem caída de Outono. Nesta Casa não há cânone algum além da perfeição. Quando eles se olharam e estenderam os braços para executar o desnudamento, tornou-se evidente, mesmo através dos véus de gaze, que ambos satisfaziam amplamente os padrões do seu cânone.

A união deles foi como uma dança.

Ele tocou-a com reverência, as pontas dos dedos pousando-lhe na cintura, deslizando-as para cima numa delicada carícia e levantando o peso glorioso dos seus cabelos, deixando-os escorrer-lhe pelas mãos e tombar de volta numa massa fulgurante. As suas mãos acariciaram-lhe a face, delineando o arco penugento das suas sobrancelhas, a linha perfeita dos seus lábios. Ela envolveu-lhe o contorno da mandíbula, traçou-lhe uma linha pela coluna muscular da garganta abaixo e espalmou-lhe a mão contra as planíces pálidas do peito.

Os dons de Naamah nascem com o sangue e pertencem a todos nós por direito; mas não é preciso ser-se artista para apreciar a arte. Estes eram adeptos da Corte da Noite, e esta era a sua arte. À medida que o acordar dos sentidos prosseguia, os véus de gaze eram lentamente corridos para trás, um a um. Eu observava extasiada, e o meu fôlego soou brusco, quando não o sustive de ansiedade. Eles abraçaram-se e beijaram-se; ele tomou o rosto dela nas mãos como se fora um objecto precioso, e ela balanceou como um salgueiro sob o seu beijo.

É assim que nós rezamos, nós Servos de Naamah.

Interrompendo o beijo, ela ajoelhou diante dele e lançou o cabelo para a frente de modo que lhe caísse em cascata sobre o baixo-ventre, gavinhas sedosas entrelaçando o seu falo erecto. Não pude ver como se movia a boca dela enquanto executava o *languisement* nele, mas o rosto dele tornou-se tranquilo de prazer e pude ver os músculos reterem-se-lhe nas nádegas. Levando ambas as mãos atrás da cabeça, ele desfez a trança e sacudiu os cabelos, que lhe tombaram qual caudal negro de seda sobre os ombros.

Não se ouvia um som daqueles ali reunidos, somente um silêncio reverente acentuado pelas doces notas do flautista. Ele recuou para se ajoelhar face a ela, e ela reclinou-se lentamente nas almofadas, abrindo as pernas para ele para partilhar a sua opulência. Agora foi o cabelo dele que mas ocultou de vista, espalhado qual cortina negra sobre as coxas dela enquanto ele lhe apartava a fenda com a língua, procurando a pérola de Naamah oculta nas suas dobras.

E deve tê-la encontrado, pois ela arqueou-se de prazer, erguendo-se para o atrair para si. Ele susteve-se por cima dela, a ponta do seu falo assestada à sua entrada. O seu cabelo derramou-se em torno da cabeça inclinada e misturou-se com o dela, negro e ruivo. Eu jamais vira coisa mais bela que o fazer de amor deles. O flautista fez uma pausa; alguém gritou, e ele penetrou-a num ímpeto fluido, afundando-se até não poder ir mais longe. Um suave, sussurrante toque de tambor

deu entrada na melodia à medida que ele investia, o corpo dela erguendo-se para o receber.

Ainda ajoelhada, as mãos firmemente entrelaçadas, dei comigo a chorar face à beleza daquilo. Eles eram como aves, que acasalam em pleno voo. Era um ritual, e não um mero espectáculo; podia sentir o sabor da sua devoção e desejo, inundando-me a boca como o mel do sacerdote. Ele investia contra ela como ondas quebrando-se, e ela ia ao seu encontro como a maré enchente. O ritmo deles aumentou e a música elevou-se num crescendo, até que ela susteve a respiração, as mãos crispadas sobre os músculos em movimento nas costas dele, as pernas em torno do seu corpo. Ele arqueou-se então para trás e susteve-se com força. Pude sentir o calor subindo-me por entre as minhas próprias coxas enquanto eles atingiam juntos o ápice.

E então, demasiado cedo, as cortinas de gaze começaram lentamente a cerrar-se, velando os vultos de ambos no suave rescaldo do desejo. Vi-o mover-se para o lado dela, e as suas mãos entrelaçadas enquanto permaneciam abraçados sobre as almofadas. Alcuin soltou o fôlego longamente sustido e entreolhámo-nos sobriamente.

Nesse momento um adepto veio conduzir-nos para uma sala, onde nos serviram um cordial retemperador na companhia da Segunda da Casa Camélia, que graciosamente expressou as suas esperanças de que a Apresentação houvesse sido bem acolhida e de que comunicássemos as nossas boas impressões ao nosso amo Anafiel Delaunay, que ainda detinha o poder de dar cartas na corte real. Se lhe inspirávamos ressentimento ou desprezo por desfrutarmos do seu patronato, não saberia dizê-lo.

DEZ



Com bom motivo, supus que após a Apresentação iniciássemos a nossa prática formal nas artes de Naamah. E assim foi; mas de modo algum como eu imaginava.

Delaunay contratou uma instrutora, a melhor instrutora que se podia ter nas artes, seguramente. O que eu não esperava era o facto de ela já ir bem adiantada nos cinquenta anos, e de todo o nosso ensinamento ter lugar na sala de aulas e não na câmara de dormir.

No seu auge, Cecilie Laveau-Perrin fora adepta da Casa Cereus; com efeito, fora instruída pela minha antiga ama, a Cortesã-Mor. Era uma das poucas que haviam atingido o pináculo do sucesso para um membro da Corte da Noite, atraindo seguidores bastantes entre os pares do reino para poder estabelecer a sua própria casa depois de feita a sua marca. Durante sete anos, foi honrada pela realeza. Pares do reino e poetas acorriam aos seus saraus, e ela tinha a sua própria corte, concedendo o favor da sua alcova a seu bel-prazer; ou não o fazendo de todo.

Por fim, escolheu casar e retirou-se do haute demimonde. A sua escolha recaiu sobre Antoine Perrin, Chevalier da Ordem do Cisne, um homem calmo e estável que deixara as suas propriedades de província para servir como conselheiro militar de El-Rei. Viviam pacatamente, raramente recebendo e somente a um nível inteiramente intelectual. Após a morte prematura dele, ela manteve esse estilo de vida. Delaunay,

ao que parecia, era uma das poucas pessoas que a conhecia de ambos os mundos.

Eu sabia tudo isto pois escutei às escondidas o encontro de ambos em que ela acedeu tomar a seu cargo a nossa instrução. Não é empresa nobre, mas não me senti culpada por fazê-lo. Era para fazer aquilo que eu era exercitada. Delaunay ensinara-nos: acumulem conhecimentos, de todas as maneiras possíveis. Havia uma arrecadação lá fora no pátio em que eram postas a secar as ervas do jardim. Se se fosse pequeno bastante, havia espaço entre um armário e uma janela aberta onde era possível agacharmo-nos e escutar praticamente qualquer conversa tida no pátio. E, findas as amabilidades, Delaunay fez o seu pedido.

A voz dela havia conservado todo o seu encanto, calma e melíflua. Ainda podia ouvir nela as vagas cadências da Casa Cereus — as pausas atenciosas, o mais breve vislumbre de sussurrar —, mas duvido que isso fosse evidente para um ouvido não exercitado. Anos de reserva haviam-na temperado.

— O que pedis é impossível, Anafiel. — Ouvi um roçar; ela abanou a cabeça. — Sabeis que estou retirada há muito do serviço de Naamah.

— Levais o vosso compromisso assim de modo tão ligeiro? — A voz dele contrariando delicadamente a dela. — Não vos peço que oferecis instrução carnal, Cecilie; meramente que ensineis. Todos os grandes textos... o *Ecstatica*, a *Viagem de Naamah*, as *Trois Mille Joies*...

— Quereis que eu ensine ao rapaz a “Ode de Antínoo⁹ ao Seu Amado”? — A voz dela era ligeira, mas pela primeira vez escutei nela o aço.

— Não! — A resposta de Delaunay foi imtempéstiva. Quando tornou a falar, percebi que o fazia de um lugar diferente. Levantara-se, pois, e pusera-se a andar de um lado para o outro. A sua voz estava agora controlada e o seu tom era seco. — Recitar alto esse poema é interdito, Cecilie. Bem o sabeis.

— Sim. — Ela ofereceu a palavra simplesmente, sem se desculpar. — Porque fazeis isto?

— Tereis de perguntar, quem foi a maior cortesã da nossa era? — Ele era por demais encantador; não era frequente eu ouvir Delaunay ser evasivo.

Ela não quis saber. — Não era isso que eu queria dizer.

— Porquê. Porquê, porquê, porquê. — A voz dele movia-se, ele estava de novo a andar de um lado para o outro. — Porquê? Dir-vos-ei.

⁹ O famoso adolescente que foi amante do imperador romano Adriano. (N. da T.)

Porque há lugares aonde eu não posso ir e pessoas a quem não posso chegar, Cecilie. Ao Tribunal da Chancelaria, ao Chanceler do Erário, a secretários com acesso ao Selo Privado... seja onde for que tem lugar o verdadeiro exercício de governação do reino, os aliados de Isabel barram-me as portas. Não podem ser desviados, Cecilie, mas podem ser seduzidos. Eu conheço os seus vícios, conheço os seus desejos. Sei como chegar a eles.

— Até aí, sei eu. — O tom dela era gentil, moderando o dele. — Há muito que vos conheço. Haveis-me feito vossa confidente, e sei como pensais. O que vos pergunto, Anafiel, é *porquê*. Porque fazeis isto?

Fez-se uma longa pausa, e os músculos começaram a doer-me com o esforço de estar agachada naquele espaço exíguo. Não corria uma aragem, e o ar abafado da arrecadação era doce e pungente dos aromas a rosmaninho e lavanda.

— Sabeis porquê.

Foi tudo o que ele disse; eu mordi a língua para me impedir de incitá-la a fazer mais perguntas. Mas fosse o que fosse que ele queria dizer, ela entendeu-o. Havia, como dissera, muito tempo que o conhecia.

— Ainda? — perguntou ela, amavelmente; e depois, — Ah, mas fizestes uma promessa. Muito bem, então. Também eu a honrarei, Anafiel, tendo em vista o seu valor. Instruirei os vossos pupilos nos grandes textos de amor — aqueles que não estão interditos — e dissertarei sobre as artes de Naamah. Se me jurais que ambos entraram neste serviço de seu próprio desejo, isso farei eu.

— Juro. — Havia alívio na voz dele.

— Até que ponto sabem eles?

— O bastante. — Ele tornou-se reservado. — O bastante para sabermos aquilo que os espera. Não o bastante para que isso os mate.

— Isabel L'Envers está morta, Anafiel. — Ela falou suavemente, do modo como se fala para uma criança que teme o escuro. — Pensais verdadeiramente que o seu rancor vive para além da sepultura?

— Vive naqueles que lhe obedeceram — disse ele sombriamente. — Isabel L'Envers de la Courcel era minha inimiga, mas sabíamos com o que contar um do outro. Poderíamos até ter-nos tornado aliados, quando a filha de Rolande chegasse à idade de tomar o trono. Agora, tudo mudou.

— Mmm. — Ouvi um ligeiro tilintar quando a tampa do jarro de vinho tocou no rebordo do copo. — A ferida de Maslin d'Aiglemort infectou; morreu há dois dias, ouvistes falar? Isidore será juramentado

como Duc d'Aiglemort dentro de uma quinzena, e requereu a El-Rei mais quinhentos vassallos.

— Não terá mãos a medir a defender a fronteira.

— Verdade. — As inflexões da Casa Cereus haviam dado lugar a um pendor pensativo na sua voz. — Não obstante, encontrou tempo para visitar Namarre, e pagar tributo a Melisande Shahrizai na sua casa de campo ali. Agora Melisande é vista na companhia do Príncipe Baudoin, e diz-se que a Leoa de Azzalle está desagradada.

— Melisande Shahrizai colecciona corações como o jardineiro real colecciona sementes — disse Delaunay pouco interessado. — Gaspar diz que Marc dará uma palavra a seu filho, se necessário for.

Mais outro ligeiro tilintar; um copo sendo pousado de volta numa das mesas de azulejo baixas. Eu aprendera a discernir tais distinções, mesmo com torcicolo. — Porventura. Mas não subestimeis qualquer uma delas, a Shahrizai ou a Leoa. Não me parece que elas cometam esse erro uma com a outra. E, afinal de contas, o fracasso em entender as mulheres tem sido a vossa derrocada, Anafiel. — Ouvi o farfalhar dos seus trajes quando ela se levantou. — Virei de manhã, e darei início à educação das crianças. Boa noite, meu caro.

Escutei os sons deles saindo, depois esgueirei-me a custo do meu confinamento, correndo lá para cima para contar a Alcuin o que descobrira.

E, é claro, para especular sobre o que aquilo tudo significava.

À luz do dia, Cecilie Laveau-Perrin era alta e esbelta, com ossos delicados e pálidos olhos azuis, da cor de uma lobélia acabada de abrir. Tem graça, nas adeptas de Cereus, como o aço subjacente se revela naquelas que não murcham nem perdem a cor. Nisso, fazia-me lembrar a Cortesã-Mor, mas ela era mais nova, e mais amável. Ainda assim, era uma mestra severa, e pôs-nos a ler e memorizar o primeiro dos grandes textos de que Delaunay falara.

Para Alcuin, foi uma revelação. Eu não abarcara inteiramente, quando assistimos à Apresentação, a profundidade da sua ingenuidade. Por mais espantoso que me parecesse, ele não tinha compreensão das mecânicas dos actos através dos quais se presta homenagem a Naamah. Eu, que jamais entrara na dança, não deixava de saber os passos de cor. Alcuin tinha somente os instintos do seu coração gentil e carne desejo-sa, tal como qualquer camponês no campo poderia ter.

Mais tarde, percebi que isto era parte do seu encanto, assim premeditado por Delaunay. A doçura imaculada que fazia parte integrante de Alcuin era uma parte e parcela do seu encanto, e irresistivelmente

sedutora para o palato mais sofisticado. Mas na altura eu não o entendia. Observava-o ao serão quando estudávamos juntos, lendo de lábios abertos e com as feições inundadas de espanto. — A carícia do debulho joeirado — lia ele, murmurando. — Colocai as mãos na cintura do vosso amado, deslizando-as lentamente para cima, recolhendo e levantando o cabelo do vosso amado de modo que ele flutue como o debulho sobre o chão da eira, deixando-o cair qual chuva delicada. Conhecias, Phèdre?

— Sim. — Olhei fixamente os seus escuros olhos arregalados. — Eles fizeram-no na Apresentação. Recordas-te? — Eu sabia estas coisas desde que era criança, crescera a aprendê-las. Estava lenta e seguramente a dar comigo em louca não praticar qualquer uma delas.

— Recordo-me. A carícia do vento estival. — Ele leu a explicação em voz alta, abanando a cabeça de espanto. — Isto resulta realmente?

— Eu mostro-te. — Se eu não sabia mais do que ele na prática, pelo menos tinha visto estas coisas feitas. Levei-o para o chão, onde nos ajoelhámos, de frente um para o outro. As feições dele estavam graves e incertas. Pousei-lhe as pontas dos dedos ao de leve na coroa da cabeça, mal tocando o seu cabelo branco leitoso, depois fi-las deslizar lentamente para baixo; pela cascata sedosa do cabelo abaixo, pelos ombros, pelos esbeltos braços abaixo. O meu coração bateu mais depressa enquanto o fazia e uma estranha certeza cresceu no meu sangue. Eu mal o tocava, as pontas dos dedos pairando sobre a sua pele pálida, mas por onde elas passavam, o fino cabelo erguia-se nos seus braços como um campo de trigo agitado pelo vento estival. — Vês?

— Oh! — Alcuin recuou, olhando com assombro para a sua pele, arrepiada em pele de galinha com o prazer subtil. — Tu sabes de mais!

— Tu és melhor que eu nas coisas que interessam a Delaunay — disse eu secamente. Era verdade. Por mais que eu tivesse aprendido, não podia igualar a viva facilidade com que Alcuin observava e registava. Era capaz de se lembrar de conversas inteiras e relatá-las do princípio ao fim, até às inflexões de voz dos interlocutores. — Alcuin. — Mudei o meu próprio tom de voz, adoptando as inflexões murmurantes e sedutoras da Casa Cereus que escutara subjacentes na voz de Cecilie. — Podíamos praticar, se quiseres. Ajudar-nos-ia aos dois a aprender.

Alcuin abanou a cabeça com um roçar de cabelo branco de luar, os olhos arregalados de ingenuidade. — Delaunay não quer que o façamos, Phèdre. Bem o sabes.

Era verdade; Delaunay deixara-o explícito, e nem mesmo a sedução de mais saber acumulado era bastante para tentar Alcuin a desobedecer. Com um suspiro, tornei aos meus livros.

Mas, é claro, nada me impedia de praticar comigo.

Começou nessa noite, na escuridão da minha pequena alcova, que tinha somente para mim. Estávamos a estudar as primeiras carícias do acordar dos sentidos. Afastando a coberta para me deitar nua na cama, sussurrei os seus nomes para mim própria, traçando os seus padrões na minha pele, até o sangue me arder sob o toque dos meus dedos.

E contudo refreei-me de procurar o alívio que sabia ser devido, cingindo-me estritamente às lições que nos eram ministradas. Não sei dizer porquê, salvo que era um tormento, e, como tal, doce para mim.

Mais velha e sábia que Delaunay ao serviço de Naamah, Cecilie Laveau-Perrin discerniu a minha condição. Estávamos a recitar o *Diário dos Sete Centos de Beijos*, de Emmeline Eisande, a maior parte do qual eu era incapaz de praticar sozinha, quando senti o seu olhar arguto pousado em mim e balbuciei.

— Estás impaciente com estes estudos, não? — perguntou-me ela.

— Não, minha senhora. — Longamente exercitada para a obediência, a minha resposta foi mecânica. Levantei os olhos ao encontro dos seus e engoli em seco. — Minha senhora, fui criada na Corte da Noite. Houvesse-me sido permitido ficar, a minha prática teria começado faz já um ano. Neste momento, já podia estar a poupar para a minha marca; porventura a pagar ao marquista para delinear a base, houvesse o meu preço de virgem sido elevado bastante. Sim, estou impaciente.

— Então é o dinheiro a espora que te instiga, hmm? — Ela afofou-me o cabelo, sorrindo ligeiramente.

— Não. — Admiti-o suavemente, entregando-me à sua carícia.

— É o Dardo de Kushiel que te atormenta, então. — Esperou até eu tornar a olhar para cima, assentindo, nem um pouco admirada. Jamais falara nisso, e ninguém na Casa Cereus me reconhecera pelo que eu era. Cecilie riu-se. — Anafiel Delaunay não é o único erudito do mundo, meu doce, e eu tenho lido muita coisa desde que deixei a Corte das Flores da Noite. Não receies, mantereis o segredo de Anafiel até ele estar pronto para te dar a conhecer. Mas, até lá, nada há que possas fazer senão sofrer os tormentos do teu próprio legado.

Um rubor de embaraço alastrou-me pela pele.

— Não há êxtase que não seja tornado mais doce pelo prolongamento do desejo. — Deu-me uma palmadinha na face afofueada. Se desejas melhorar os teus dotes, usa um espelho e uma vela, de modo que possas ver como és e estudar os lineamentos do desejo.

Nessa noite, assim fiz. À luz da vela, tracei os padrões do acordar dos sentidos sobre a minha pele, vendo-a alterar-se e enrubescer,

e pensei no facto de Cecilie saber, e Alcuin, e interroguei-me com um delicioso frémio de culpa e vergonha se algum deles teria contado a Delaunay o que eu fazia em segredo.

Assim prosseguiu a minha educação.